

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

Ana Cristina Franz Rodrigues

**Histórias narradas, fantasias reveladas: os
biografemas infantis**

Porto Alegre

1º semestre

2011

Ana Cristina Franz Rodrigues

Histórias narradas, fantasias reveladas: os biografemas infantis

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Isabel Habckost Dalla Zen

Porto Alegre

1º semestre

2011

Do sabor das palavras...

Doces, encantadas, pequenas, rimadas, compridas, engraçadas, azedas e inventadas são assim adjetivadas as palavras que compõem o campo estrutural deste trabalho. Poder-se-ia dizer, então, que a vida, igualmente, é composta por palavras, as quais expressam, entre letras, seus sons e movimentos, os mais ocultos dos nossos quereres. Do mesmo modo, anuncio no sabor das palavras meu sincero agradecimento aos que me ensinam a compreender semanticamente algumas delas no trilhar do meu caminho.

AMOR conheci ao lado da minha família, não somente através da doação incondicional dos meus pais, Theresinha e Iderlei, mas ainda no conforto do abraço dos irmãos Junior e Rodrigo em todos os momentos da vida;

AMIZADE aprendo e vivencio há 5 anos com Carol, Jaque, Manu, Tina e Nessa. Colegas e amigas queridas, com as quais compartilho a vida e a paixão pela Educação e sem as quais as manhãs na FACED não teriam o mesmo gosto;

COMPANHEIRISMO ressignifico a cada dia ao lado do Cirilo, mais que namorado, um parceiro de intermináveis conversas e o provocador dos meus muitos sorrisos;

DESCOBERTAS tive ao lado de Daya e Maíra no mundo dos biografemas de Roland Barthes. Tudo iniciou com trocas literárias e filosóficas, mas estas se alargaram para além das discussões acadêmicas, enlaçando uma amizade que se deu tão espontaneamente, que por mim jamais será esquecida;

DESEJO pela educação e pelo magistério observo e aprendo a cada novo encontro com a professora Bela. Movida pela vontade de dar uma boa aula, ela desperta em mim o querer ser professora e por esta razão guardarei na memória afetiva minha 'professora de papel' ;

FANTASIA infantil que tanto me seduz aprendo, constantemente, com Eduarda, Lucas e Filipe, meus sobrinhos e inventores de 'faz-de-conta', são também os fazedores da minha alegria.

*Eu uso essa técnica, Eu lisonjeio as palavras.
E elas até me inventam.
E elas se mostram faceiras para mim. Na faceirice
as palavras me oferecem todos os lados.
Então a gente sai a vadiar com elas
por todos os cantos do idioma.*

(Barros, Manoel de. 2008, s/página)

RESUMO

Este estudo analisa narrativas escritas infantis, produzidas por alunos de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Porto Alegre, durante o período do meu estágio curricular. A leitura desses textos busca identificar traços das *fantasias de escritura* e as marcas culturais neles presentes; marcas, estas, materializadas pelos recursos linguísticos escolhidos pelos autores. O corpus está constituído por quarenta textos, os quais se enquadram em um subgênero da narrativa, denominado por Barthes (2005) como biografema. Este trata da escrita de histórias simbólicas de vida, isto é, criam-se cenários, lugares e personagens para uma história factual, já existente, a qual mistura fantasia e veracidade, em um só tempo. Para organizar as significações encontradas na pesquisa, articulando-as com o campo conceitual a partir do qual operacionalizo a análise – os estudos da linguagem –, são apontados os seguintes eixos temáticos: gêneros discursivos: a narrativa e seus subgêneros; o autor e o personagem por Bakhtin e por Barthes. Além dos citados autores, ainda utilizo referenciais de Colomer (2003), Dalla Zen (2006), Rodari (1982) e Held (1980). As análises desenvolvidas comprovam que os textos reverberam a dialogia bakhtiniana. Escrituras que mesclam vidas vividas, vidas recontadas com ricas pinceladas ficcionais nos cenários recriados, no campo semântico acionado para narrar.

Palavras-chave: Fantasias de escritura. Biografema. Narrativas.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata-se de um requisito final para o término do curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu foco principal consta em investigar as características das fantasias de escritura dos biografemas infantis de uma turma de 3º ano do ensino fundamental durante minha prática docente, ocorrida no sétimo semestre desse curso, em uma escola da rede pública de Porto Alegre.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos, sendo o primeiro uma breve apresentação dos principais conceitos abordados, bem como as razões e motivações do estudo, além das questões norteadoras que irão movimentar a pesquisa.

No segundo capítulo, apresento os passos metodológicos e as estratégias utilizadas durante o trabalho. Além disso, pontuo e problematizo a funcionalidade do método no seu percurso histórico.

O terceiro capítulo refere-se às análises coletadas durante a pesquisa. Trata-se da leitura dos textos infantis (biografemas) mediante aportes teóricos e reflexivos acerca de temáticas tais como: gêneros discursivos, narrativas contemporâneas, autor e personagem por Barthes e Bakhtin, entre outros.

O quarto capítulo, por fim, trata de uma ampla retomada das análises, além de apontar algumas considerações acerca da temática fantasia e imaginário infantil nas narrativas escolares, mediante aporte teórico de Jacqueline Held (1980) e Gianni Rodari (1982).

SUMÁRIO

1 UMA VIDA INVENTADA: a biografemática em percurso.....	8
1.1 BIOGRAFEMAS.....	9
1.2 PROTAGONISTAS DA INVENÇÃO.....	12
1.3 AUTO-RETRATO.....	13
2 POR UMA METODOLOGIA ‘ÀS AVESSAS’.....	16
2.1 ABORDAGENS DO ‘LABORATÓRIO’ LITERÁRIO.....	17
2.2 NA TRILHA DOS ‘ACHADOUROS’ DE INFÂNCIA.....	19
2.3 OS PASSOS DA IMAGINAÇÃO.....	20
3 HISTÓRIAS NARRADAS, FANTASIAS REVELADAS: as surpresas encontradas nos biografemas	24
3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS: a narrativa e seus subgêneros.....	24
3.2 CARACTERÍSTICAS DAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS.....	26
3.3 BARTHES E BAKHTIN: um diálogo possível?	35
3.3.1 Biografia X Biografema: o autor e seus outros ‘eus’.....	36
3.3.2 Vozes Literárias: o autor e o personagem por Mikhail Bakhtin.....	39
3.3.3 Vida e Obra, Obra e Vida: o autor e o personagem por Roland Barthes..	42
4 TEXTO TECIDO E TRAMADO: o arremate final (ou quase isto)	44
REFERÊNCIAS	47

1 UMA VIDA INVENTADA: a biografemática em percurso

Se tivéssemos uma Fantasia, assim como temos uma Lógica, estaria descoberta a arte de inventar. (Novalis, apud Rodari, 1982, p. 13)

Tudo parte deste princípio: a fantasia, a origem da escritura. Segundo Roland Barthes (2005, p. 22): “a fantasia serve de guia à escritura: a fantasia como guia iniciático”. Fantasiar, no sentido barthesiano, trata-se do imaginário preliminar à escrita de um romance ou de uma história. Portanto, é preciso deixar a fantasia vir à tona, permitir que vagas imagens do pensamento potencializem-se e ecoem, lentamente, sobre o papel. Seria a fantasia a responsável por suscitar a feitura de histórias e mobilizá-las tão-somente pelo desejo de escrever. Assim sendo, é esperado o momento em que a fantasia possa colidir com o real (isto é, com o próprio movimento de escrita): a partir do encontro entre o concreto e o quimérico, a fantasia se pulveriza; atingindo o sutil, o inédito, atravessando os códigos e tomando a forma de um objeto literário (seja ele uma narrativa, uma poesia, seja uma biografia ou um biografema). Segundo Barthes (2003, p.273): “é preciso que se coloque sempre uma fantasia” e, em termos literários, sigamos uma espécie de “roteiros imaginários” incitados por algo que nos move, um desejo que se sublima enquanto ocorre o processo de escrita.

Deste modo, durante o período em que atuei na docência de forma experimental¹, procurei -aos moldes barthesianos- despertar a fantasia de escritura dos meus alunos, a fim de que pudessem obter novas experiências de linguagem, re-significando e re-inventando conceitos e palavras em prol de uma escrita criadora. Esse feito-vivência provocou um querer saber mais. Portanto, o trabalho que ora apresento teve por intento pesquisar as fantasias de escritura de uma turma de 3º ano dos anos iniciais, de uma escola da rede pública de Porto Alegre, na qual exercitei a docência como professora estagiária, durante o período de um trimestre. Para tanto, utilizei como instrumento metodológico a leitura analítica de produções

¹ Refiro-me ao período do estágio curricular em que pude literalmente experimentar a docência.

textuais² que realizei durante as minhas aulas, em formato de oficinas de escrita. Devo explicitar que, no decorrer deste estudo, não somente as fantasias de escrita das crianças estão em evidência, mas também são recorrentes e visíveis os desassossegos que provocaram o pensamento de uma nova pesquisadora e, sem dúvida, estão presentes, também, as minhas próprias fantasias, os desejos e amores que embalam a cinemática da minha escrita. Retrato, igualmente, as surpresas que tive ao re-ler os exercícios das crianças. Fora um misto singelo de riso (das fantasias infantis, tão cômicas e despudoradas quanto inofensivas) e de encanto frente à riqueza linguística que estava registrada ali, em forma de narrativa: pontuação sintática, expressões idiomáticas, gírias, extenso vocabulário, fusão narrador-personagem, traços linguísticos, literários que compuseram as fabulações de modo a explicitar o contentamento dos pequenos e novos autores. Tudo isso causou em mim, leitora e professora, um apanhado de sensações e inquietações, as quais procurei desmembrar neste texto. Os textos trazem, no seu teor, sobressaltos e piruetas que ficaram guardados no papel, apurando os meus sentidos no exato instante que li. Li e gostei.

1.1 BIOGRAFEMAS

Roland Barthes³ é o criador do conceito de biografema, o qual trata de uma história simbólica de vida. A biografemática, ou ciência do biografema⁴, tem como propósito “pormenores isolados, que comporiam uma ‘biografia’ descontínua; essa ‘biografia’ diferia da biografia-destino, onde tudo se liga, fazendo sentido” (Perrone-Moisés, 1983, p. 15). Assim, considero o biografema um modo de subverter a biografia, pois esse subgênero proporciona aos escritos uma nova roupagem, trazendo novos rumores de linguagem e potencializando-se, desse modo, em um dinâmico movimento de escrita.

² Neste caso faço alusão à escrita de biografemas. Neologismo criado por Roland Barthes, tratando de um subgênero da biografia. Pretendo informar o leitor sobre essa teoria de modo explícito e claro durante o desenrolar desse capítulo.

³ Roland Barthes foi um renomado escritor e crítico literário, além de sociólogo e amante da semiologia. A partir da década de 70 atuou como professor do Collège de France, instituição que agregou grandes pensadores franceses, tais como Michel Foucault, Gilles Deleuze, entre outros. Esse autor estará recorrentemente em diálogo com o texto que aqui segue.

⁴PERRONE-MOISÉS, Leyla (1983).

Nesse sentido, com o aporte teórico de Feil (2010), cabe explicar que, em termos conceituais, escritura e escrita contornam significados distintos, havendo na primeira um toque de sensibilidade, talvez um clamor artístico, pois esta desenvolve a criação, retratando novas línguas, trazendo elementos terceiros para construção de histórias ou palavras, enquanto a segunda, caracteriza-se por ser mais rígida, destacando no seu teor linguístico, principalmente, o “falar sobre” algo ou alguém. Sendo assim, pode-se dizer que o biografema está imerso na dança da fantasia, do imaginário afetivo, compondo na sua ciranda de memórias, uma grande sincronia de escritura. Segundo Feil (2010), o texto biografemático não trata, por via de regra, do conteúdo⁵ e sim da expressão, com formas diversificadas de perceber a linguagem. Além dessas distinções, há também outro fator que considero bastante relevante para discutirmos a respeito dos biografemas: o prazer. A biografemática não é feita com a razão e tampouco com a expressão do vivível, do banal. Ao contrário, ela desponta dos sentidos, da fantasia e, sobretudo, do desejo, pois é a partir da fruição da linguagem promovida pelo texto do autor amado, que surge a vontade de escrever biografematicamente. Há, nesse gênero textual, a imprescindibilidade de trazer nas linhas escritas o gozo, o contentamento da mão que escreve, o que Barthes (1987, p.9) chamaria de “dialética do desejo”, uma espécie de jogo linguístico, ou brincadeira estabelecida, prazerosamente, entre leitor e escritor.

Posto isso, já sabidas algumas particularidades desse gênero de narrativa, considero importante pontuar os caminhos que o autor percorreu para chegar até essa “aventura de escritura”⁶. O seu gosto apurado para a leitura sobre a vida e a obra de seus autores queridos⁷ o fez sentir vontade de desdobrar a escrita biográfica, mas o que a biografia (linear e categorizada no papel) propunha não lhe fora suficiente. Para o referido autor, é preciso aparecer nas linhas (da escritura) mais do que a expressão de conhecimentos prévios, cívicos e morais sobre a vida e obra dos autores amados, ao contrário, para escrever de quem se ama é necessário pôr vida. Vida na obra e obra na vida, seria como vivificar a escrita (de um diário, ou caderneta) ou, personificar o cotidiano, de modo a torná-lo uma grandiosa obra

⁵ Nesse sentido, não devemos considerar o conteúdo como uma possível rejeição de Barthes, mas sim o seu uso em demasia na constituição do texto.

⁶ CORAZZA, Sandra Mara (2010, p.95).

⁷ Para Barthes (2005, p. 168), parecia muito mais interessante ler o diário de Kafka, ou os carnês de Tolstói, do que propriamente as suas obras literárias.

literária e fazê-la a nossa inspiração de vida. Sobre isso Corazza (2010, p.101) nos diz que:

Vidarbo: Vida + Obra: Circulação igual dos códigos com os quais se escrevem ao mesmo tempo nossos livros e nossa vida. Viver como quem escreve. Escrever vivendo. Viver escrevendo. Re-viver. Re-finir. Pensar a biografia contra a biografia. Fluido. Eclipse. Mistério. Inteligibilidade do desejo. Metáfora infinita. [...]

Considero importante destacar, então, que os gêneros biografia e biografema apresentam inúmeras distinções na sua organização de escrita; no entanto, não há interesse, no corpo dessa pesquisa, em discriminá-los mediante um juízo de valor, mas sim pontuar algumas características de um e outro, a fim de facilitar a compreensão dos conceitos de ambos os gêneros. Por esse viés, podemos pensar que Barthes não teria criado o biografema se não houvesse consultado, anteriormente, as biografias. Uma tende a arrematar a outra, e isto é fato. Segundo Feil (2010,p. 37):

[...] as biografias convencionais passam a ser positivadas também, já que deixam de ser concebidas como um material defasado em comparação com os ‘verdadeiros fatos’ da vida de um sujeito, para passarem como fornecedoras de elementos a serem colocados em variação.

Em suma, segundo o aporte barthesiano, a escrita biografemática pode ser vista não somente como filosofia e ciência, mas também como uma manifestação artística em forma de narrativa, ao realizar a “utopia de uma linguagem particular”, ou, ainda, ao misturar o “verdadeiro” e o “falso”⁸ e ao destacar o brilho de uma vida dissimulada, alternado com a névoa fosca das lembranças. Quando falo em biografema, é também de arte que estou falando, de uma possível encenação com personagens, lugares e cenários, vindos da ordem do desejo e da fantasia.

O biografema, ou “anamnese factícia” (Barthes 1977, p. 114), convida o leitor a fantasiar, isto é, compor com os fragmentos de uma vida inventiva em um texto único, (des)linear e transgressor, na medida que põe em dúvida os sentidos dos fatos. Segundo Barthes (2004, p. 9): “[...] os homens dão um sentido à sua maneira de escrever; com palavras, a escrita cria um sentido que as palavras não têm de início. É isso que preciso entender, é isso que tento exprimir”.

⁸ Toda a narrativa é uma redescritção do real, portanto, traz indícios de ficção.

1.2 PROTAGONISTAS DA INVENÇÃO

Apontado o conceito de biografema - mesmo que brevemente - sinto-me à vontade para fazer a seguinte provocação: quem escreve biografemas? Ou, ainda: quem pode escrever biografematicamente? Barthes (2005, p. 174) denominou o escritor de biografemas como “biógrafo”, isto é, o sujeito que escreve histórias de vida, sugerindo elementos outros que, paulatinamente, irão compor o que o autor chama de “anamnese”, ou lembranças, mesclando, assim, ficção e realidade. O trabalho aqui proposto trata da análise de biografemas elaborados por crianças que se encontravam na faixa-etária entre 8 e 11 anos. Apresentarei, a seguir, os pequenos biógrafos. Como se pode antever, eles escreveram seus biografemas na escola.

A turma “B” da escola “Floresta”⁹ caracteriza-se pelo olhar. Na minha lembrança de professora, essa foi a marca da turma. Eram cerca de vinte e quatro pares de olhos curiosos, sobranceiras em pé, rostos que expressavam espanto e, ao mesmo tempo, fascínio diante de uma contação de história. Não raras vezes, surgiram perguntas interessantes, as quais mobilizavam a todos para uma futura pesquisa. Queria saber sobre o sistema de governo da China, por onde sai o xixi dos peixes, por que os ratos têm rabo, o que são os anjos, como se faz o sorvete e tantas outras curiosidades que acompanhavam os ávidos olhares (às vezes seguidos de frouxos sorrisos). Desejavam sempre mais. Mais perguntas, mais conhecimentos. De longe se ouvia uma voz confabulando, pensando em uma nova pergunta: “Ô, sora, mas por que...” e tudo começava outra vez, novas perguntas, novas pesquisas e, sobretudo, novas aprendizagens para a “nova” professora. Nesse instante entra em cena o que Rodari (1982) chama de “pensamento divergente”. Para o autor, tal conceito é sinônimo de criatividade, ou seja, a mente criativa deve transgredir os esquemas da experiência, trabalhar em prol da elaboração de perguntas, descobrindo problemas, não se acomodando com respostas prontas, instigando novos saberes.

Entretanto, a turma B apresentava uma resistência à escrita de textos, no início do trimestre muitos reclamavam que escrever era chato, que doía a mão e poucos se sentiam motivados para a produção textual. Foi então que decidi usar

⁹ Os nomes propostos são fictícios por questões éticas da pesquisa.

como estratégia a contação de diferentes histórias, acompanhadas de recursos, tais como: avental com os personagens dos livros, palitoches, ou ainda figuras inusitadas retiradas de um “saco mágico”. Utilizei, assim, elementos fantásticos que pudessem capturar os já considerados amantes pela leitura e escuta de histórias, também para a escrita de textos. Eu sabia do potencial da turma B, apenas precisava seduzi-los com textos literariamente atraentes, com propostas de escrituras que os deixassem livres para potencializar a criação e a fantasia de cada um, expondo os seus lugares e personagens amados. Nesse sentido, a biografemática contribuiu muito, pois o tipo de texto estava aberto para qualquer tipo de tema, cenário ou sujeitos. Bastava incorporar a fantasia aos fragmentos de uma memória embaçada, para que fosse possível brotar o desejo de escrever. Assim, surgira nas escritas das crianças personagens que habitavam o seu imaginário afetivo, como as princesas, os animais falantes, os monstros e as estrelas do Pop. Também apareceram não somente os cenários que fazem parte das rotinas de cada um, como a escola, o Shopping, o passeio no sítio do avô, mas ainda os que eles gostariam que fizessem parte, mas que estavam-estão apenas guardados na imaginação, como, por exemplo, os castelos, ou os cenários de filmes e programas de televisão. Do prazer dos infantis em relatar anedotas e invencionices, atravessa o prazer do leitor (no caso, a própria professora). Barthes (1987, p.10) nos diria que: “O texto que o senhor escreve tem de me dar a prova de que ele me deseja. Essa prova já existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra* (dessa ciência, só há um tratado: a própria escritura)”.

1.3 AUTO-RETRATO

Esta seção não trata exatamente de uma autobiografia, tampouco da doce e fosca lembrança de um autobiografema, mas eu diria que são algumas fissuras de memória, as quais remetem o meu encontro com Barthes e os biografemas, bem como com os demais autores e questões norteadoras desse trabalho. Deleuze e Guattari (1997) dissertam acerca da multiplicidade dos sujeitos, isto é, somos atravessados por simultâneos devires¹⁰, tendo a possibilidade de ser vários a um só

¹⁰ Conceito filosófico que designa o “vir a ser”, o “tornar-se”. Para Deleuze e Guattari (1997) o devir é considerado um processo de singularização, que remete a problemática da multiplicidade e pluralização dos sujeitos, arcando com a negação de uma identidade substancial e essencial.

tempo. Partindo desse princípio, começo destacando a Ana leitora, como sendo a primeira face a ser mostrada, dentre tantas outras mergulhadas em amores e devires. Há, em mim, um gosto particular pela literatura. Molhar a ponta dos dedos para folhear um livro, sentir o sabor do texto, sobretudo, das poesias; perceber o lirismo da vida através das palavras compõe, para mim, um campo afetivo. Assim, a Ana leitora esbarra com a Ana pesquisadora, que encontrou, na Faculdade de Educação da UFRGS, um espaço para pensar e criar filosofia, educação e literatura¹¹. Nesse cenário, houve o encontro com Barthes e, por conseguinte, com a biografemática. Como bolsista de iniciação científica, produzi oficinas de escrituras, com crianças de terceiros e quartos anos do ensino fundamental, em duas escolas da rede pública de Porto Alegre, exercitando os biografemas e, posteriormente, analisando-os para produção de artigo científico. Experiência que promoveu ainda mais aproximação não só com Barthes, mas também com os já citados Gilles Deleuze e Félix Guattari. Paralelamente, não demorou muito para dar-se um novo encontro. Em agosto de 2010, surgira a Ana professora. Assim, durante o período do estágio curricular, todas as “Anas” arranjavam-se em uma só pessoa, um corpo comum para ir ao encontro de um desejo bastante singular: o de re-inventar a linguagem e, ao estilo de Barthes, fantasiar histórias, propagar, através dos biografemas, o amor pela escritura, pois segundo Zordan (2009, p. 57): “ensinar é buscar companhia para as paixões”. Resultado: ao reler os exercícios biografemáticos que produzi com os alunos do estágio, fui tocada para além do amor que está na escritura, fui tomada também por uma inquietação mediante as fantasias das crianças, pois percebi que grande parte dos textos está ancorada em fantasias que representam, de certo modo, as culturas em que os alunos estão inseridos, o que me fez pensar incessantemente sobre culturas na fantasia de escritura, além da organização do texto biografemático enquanto um gênero discursivo (narrativo). Acredito que o cerne de uma pesquisa encontra-se no desassossego do pesquisador, na questão que o provoca ao desejo do conhecimento, e comigo não seria diferente. Segundo a autoria de Bujes (apud Dalla Zen, 2006, p. 19) no que se refere a uma pesquisa:

¹¹ Refiro-me ao núcleo DIF, o qual estuda e pesquisa leituras acerca da filosofia da diferença. Nesse espaço participei como bolsista de Iniciação Científica, vinculada ao projeto Fantasias de Escrita: Devir- Infantil de Currículos Nômades, sob orientação da professora doutora Sandra Mara Corazza, no período de maio de 2009 à outubro de 2010.

[...] nasce sempre uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Ela se constitui na inquietação.

Assim sendo, ao reler os biografemas tomei como provocação a seguinte questão: a fantasia presente nos textos me leva a pensar que ela está ali como ressonância de quais marcas culturais? Como está “montada” essa escritura biografemática no gênero narrativa? A partir daqui, desponta uma nova Ana, outra vez no seu devir-pesquisadora, mas agora movida sob novos impulsos, novos quereres e, acrescentando leituras outras, tais como as do encontro com Rodari, Bakthin, Dalla Zen, entre outros com os quais entrei em sintonia .

2 POR UMA METODOLOGIA ‘ÁS AVESSAS’

Aponto, agora, a trilha percorrida nessa pesquisa, desde o encontro com a teoria barthesiana até a experiência dos biografemas, atravessando, ainda, as análises e o meu encanto pelas fantasias infantis. No entanto, antes de descrever os passos metodológicos utilizados no trabalho, farei um apanhado histórico¹² sobre o método e como têm ressonado suas implicações no campo da pesquisa ao longo do tempo. Segundo Pádua (1996), já havia, na Grécia Antiga, uma incessante procura pelo conhecimento da verdade, a qual atravessou o interesse de filósofos tais como Platão e Aristóteles para além das fronteiras da metafísica, havendo também uma busca pela técnica dos estudos científicos já propagados na época, como a matemática e a geometria, por exemplo. Já no período medieval, o teocentrismo ressignificou os valores do método, desconstruindo a lógica do “saber-fazer”, ou “saber-medir” em prol da disseminação da “razão-fé”, visto que a teologia permeou o centro da cultura medieval, sobretudo na Europa. Visto isso, a Idade Moderna rompeu com os princípios teológicos e a nova ciência vislumbrava, antes de tudo, o conhecimento com base na razão, a fim de conseguir, através de experimentos científicos, os saberes necessários para atingir o poder, ou como sugere Pádua (1996, p.18): “o método científico passa a ser parâmetro para o conhecimento verdadeiro e a experimentação, a fonte de autoridade para a fundamentação do poder”. Assim sendo, a contemporaneidade – tempo revés das certezas absolutas – acaba por contestar a infalibilidade dos métodos experimentais, abrindo espaço para um debate entre o próprio meio científico. Pádua (1996, p. 27) afirma:

O cientificismo, que se caracterizou como uma forma de pensar derivada do positivismo, considerou o método científico como único e definitivo conhecimento da realidade - na esfera da ciência poderíamos encontrar a solução para *todos* os problemas, quer sejam de natureza física ou social. Hoje, discute-se a ciência como um mito positivista.

Desse modo, cabe explicitar que o método biografemático nada tem em comum com o pensamento tecnicista e formal retratado pelo modelo positivista.

¹² Trata-se de um breve recorte a fim de auxiliar na compreensão do método biografemático. Para maior aprofundamento consultar PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. Metodologia de pesquisa: abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 1996

Método, nesse sentido, organiza e desorganiza de uma só vez, não havendo padrão ou regime de verdades a ser cumprido. A palavra de ordem é o prazer que desponta da linguagem e recai diretamente na reescrita de uma vida fantástica. Por essa via, podemos perceber que a metodologia empregada nessa pesquisa é arbitrária à busca pelo conhecimento inalterável da realidade. Científico ‘às avessas’, o método biografemático, aqui proposto, não trata a verificação de dados exatos em seu teor investigativo¹³ e, tampouco, contempla uma coerência no seu teor literário, mas trata de uma fluidez inventiva e desordenada no papel. Segundo Feil (2010, p. 79): “[...] a escritura (atual) diferencia-se dos fatos (originais). [...] a escritura não se enquadra, não se associa, não condiz com nada mais neste mundo; ela não é verificável, a não ser nela mesma”.

Paralelamente a isto, encontrei uma forma terceira de enxergar o método biografemático com uma imagem formal através do que ele mesmo propõe, isto é, através da fantasia e da brincadeira com as palavras. Pensemos, agora, no laboratório da invenção. A sala de aula, nesse sentido, toma a forma de um grande laboratório de experimentações, onde palavras são guardadas em tubos de ensaios, borbulhando letras, fonemas, sons ainda bígrafos, aguardando a reação da química gramatical. Por fim, com os jalecos a postos os cientistas – ou pequenos experimentadores – testam os aromas e sabores que irão compor a fórmula de suas fantasias...

2.1 ABORDAGENS DO ‘LABORATÓRIO’ LITERÁRIO

Este trabalho deu-se a partir de trocas. Foi uma experiência mútua de linguagens, pois, em certa medida, compartilhei da fantasia de cada criança e elas, por vezes, também participavam do exercício dos colegas. Não raro perguntavam-me se podiam utilizar uma ou outra expressão, ou, ainda, se poderiam escrever sobre determinado tema ou personagem e, evidentemente, não interferi na fantasia,

¹³ Durante a revisão dos textos optei por quantificar alguns dados referentes às características das narrativas. No entanto, a coleta desses números sublinham tão somente a reflexão sobre os modos de se pensar o texto em sua estrutura podendo - assim- dialogar com a teoria barthesiana. Cabe salientar que não houve interesse em generalizar os dados e tampouco instituir ‘verdades’, mas sim pensar sobre os pontos que ecoam nas narrativas contemporâneas e como estas reverberam no imaginário infantil, tomando a própria fantasia como parâmetro de si mesma.

mas os instiguei a “alargar” a imaginação, de modo a pensarmos juntos sobre situações inusitadas, personificando objetos e animais, corroborando a existência do surreal, não nos limitando somente ao uso dos biografemas: realizamos diversos exercícios de confabulação oral. Em contrapartida, a turma acrescentou a noção que tinha acerca dos conceitos de biografemas e de fantasia de escritura. A partir desse câmbio pude pensar em outros modos de investigar a teoria barthesiana. Pesquisar as fantasias de escritura sob o viés das práticas culturais e compreender o biografema dentro do seu maior gênero: a narrativa, foram algumas das surpresas que a turma B me possibilitou durante esse estudo. Desse modo, por haver o contato direto com a turma e com os textos, pode-se afirmar que essa pesquisa apresenta caráter qualitativo, tendo em vista as palavras de Lüdke e André (1986, p. 11): “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho extensivo de campo”.

Além disso, o trabalho caracteriza-se por ser um estudo de caso, tendo em vista que o objeto de análise são os textos produzidos pela turma B e apesar de haver a probabilidade de existir pesquisas com abordagens semelhantes, tratam-se os biografemas de um estudo singular. Para os já citados autores, os estudos de caso utilizam-se de um vasto arsenal de informações que são coletadas em momentos e situações distintas. Assim sendo, afirmo que os exercícios biografemáticos realizaram-se em diferentes momentos, ainda que tenham ocorrido no mesmo espaço (sala de aula), onde foram produzidos cerca de quarenta narrativas individuais e uma coletiva.

Paralelamente, realizei no período das análises a quantificação de dados acerca das características das narrativas e seus efeitos nas fantasias ‘biografematizadas’. Utilizei, desse modo, como instrumento de verificação o uso de tabelas¹⁴, com alguns pontos específicos das narrativas, mediante os estudos de Colomer (2003) e Dalla Zen (2006), em que pude traçar semelhanças e divergências com os textos das crianças. Além disso, outro recurso para os estudos analíticos, foi o uso de quadro-resumo, que me auxiliou a visualizar as principais aproximações entre as teorias de Bakhtin e Barthes.

¹⁴ Vide apêndices.

2.2 NA TRILHA DOS 'ACHADOUROS' DE INFÂNCIA

[...] Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. (Barros, Manoel de. 2003, p. XIV)

O primeiro movimento da pesquisa ocorreu através da paixão. Esta embalada por livros, infâncias e fantasias. Os biografemas aqui analisados contemplam todos os sabores apreciados por mim enquanto professora e pesquisadora. O primeiro encontro com a prática barthesiana ocorreu durante o período em que atuei como bolsista de iniciação científica, conforme havia mencionado em outro momento. Assim, durante essa prática de pesquisa fui juntamente com duas outras colegas bolsistas “aplicar” os biografemas em duas escolas da rede pública de Porto Alegre. Ao ler os textos produzidos pelas crianças fomos contagiadas por espontâneos sorrisos, pois foi magnífico o modo como elas expressaram suas fantasias. Não havia constrangimentos, ficaram envoltas com a proposta, em um sentir-se à vontade com o lápis e folha nas mãos. Foi um momento somente delas com seus textos e suas fantasias, “totalmente livres” das amarras impostas pela escola. Depois desse acontecimento, tive vontade de realizar a proposta com outras crianças e caçar as fantasias de cada uma delas, entender, ou simplesmente, admirar o imaginário infantil, perceber com olhar astuto o que provoca o desejo de escrever, a fim de instigá-las cada vez mais nesse percurso. Com mais fantasias, mais narrativas no corpo de biografemas.

No período do estágio curricular, houve um novo e importante encontro. Este entrelaçado com a figura da orientadora¹⁵, uma professora apaixonada por letras e por histórias infantis, assim como eu. Trazia uma bagagem de experiência que somente enriqueceu o trabalho com os biografemas. Por fim, não me senti tão só nessa prática docente, pois havia alguém ao meu lado, desejando não só investir na feitura de boas histórias, mas ainda querendo abraçar os biografemas de Barthes e

¹⁵ Refiro-me à professora Doutora Maria Isabel H. Dalla Zen, a querida Bela e o nosso doce encontro.

aguardar, ansiosamente, as surpresas que neles iríamos encontrar. Somos, em suma, duas caçadoras de achadouros de infâncias.

2.3 OS PASSOS DA IMAGINAÇÃO

Depois de definir, juntamente com minha orientadora, que os biografemas estariam de fato inseridos nos meus planejamentos de aula, a primeira medida a ser tomada foi investigar as estratégias para ensinar esse método inventivo, ou melhor, despertar nas crianças a vontade de escrever e contar histórias fantásticas. Jacqueline Held (1980, p. 17) aponta:

O escrito traz sua noite, o não-dizer e o vínculo inicial. As palavras escritas são cristas alinhadas de além-voz. Abrir as portas obscuras do que não pode ser lido com os olhos e com os dedos, mas que uma criança adivinhará facilmente por trás do som das palavras e do aço dos espelhos.

Desse modo, iniciei a prática de escrita de histórias biográficas e, em outro momento, apresentei a biografemática aos pequenos partícipes da minha peripécia literária. Levei a biografia do escritor Maurício de Sousa, apreciado por grande parte da turma “B”; além do texto, havia algumas fotografias com os principais acontecimentos da vida do escritor e cartunista. Dias depois, expliquei para a turma o significado da palavra autobiografia e, após, fizemos uma leitura interativa da autobiografia da professora Ana, a estagiária ainda misteriosa aos olhares da turma, visto que estávamos em um processo contínuo de integração e (re)conhecimento. Ler sobre a vida e as memórias de pessoas queridas provocou nas crianças um querer saber mais, o que Perrone-Moisés (1985) denomina de “prévias informações”, eu diria que são pequenos indícios factuais que capturamos da biografia do autor escolhido para, posteriormente, amalgamá-los com nossas próprias sensações e compor, nesse sentido, os biografemas. Para tanto, sugeri um exercício de sistematização propondo às crianças que escrevessem suas autobiografias mediante os critérios desse estilo de narrativa (linearidade, factualidade, organização cronológica dos acontecimentos e etc.) vejamos no quadro a seguir¹⁶:

¹⁶ Os textos das crianças serão transcritos de modo fidedigno, a fim de potencializar a formação de leitores de textos infantis, pois nesse estudo não será levado em consideração os possíveis equívocos ortográficos ou coesivos, mas sim, será analisado o furor inventivo, bem como os aspectos lingüísticos que entram em consonância com a pesquisa.

Autobiografia

“Eu nasci no dia 15 de agosto de 2001. E na minha infância quando eu tinha 4 anos, eu gostava de ir na praia e comprar brinquedos. E quando eu tinha 6 anos o amigo do meu pai deixava eu pegar uns peixes no lago. E quando eu tinha 8 anos eu aprendia a andar a cavalo no sítio, a andar de bicicleta sem as rodinhas e comemorei o ano novo na praia na casa da minha tia que é muito grande”.

(Proposta: Escreva sua autobiografia, D.M.S¹⁷, menino)

Posto isso, compreendido o funcionamento da escrita biográfica, era a hora de dar início ao desafio e provocar certa sagacidade literária nos jovens escritores; então, levei um grande cartaz com a palavra “biografema”, e as crianças logo associaram à palavra “biografia”, percebendo a semelhança morfológica e semântica. Mostravam-se como alunos pensadores da sua língua! Aproveitei para inferir com eles o novo conceito. Escrevemos no cartaz as características do biografema e, paulatinamente, fomos construindo um pequeno mapa com flechas e comparações entre os dois estilos de narrativa¹⁸. No dia seguinte, optei por uma nova estratégia, levei o biografema de um conhecido poeta da turma, a fim de que eles pudessem fixar melhor o complexo neologismo barthesiano. Era um dia chuvoso, havia poucas crianças na aula. Retorno do pátio, cada um nos seus lugares. Distribuí a folhinha e as crianças mantiveram os olhos grudados no pedaço de papel, queriam saber o assunto tratado no texto. Escutei de longe alguém sussurrando:

- Acho que é o biografema da sora...

Esbocei um leve sorriso no canto da boca e comecei imediatamente a leitura. Tratava-se do biografema do poeta Manoel de Barros, já conhecido pela turma por ser o poeta “amigo das palavras”, ou, um “fraseador”, como ele próprio se denomina.

Após a leitura do texto, fiz a retomada desse estilo, ou recurso de escrita. Assim, expliquei que um biografema é um gênero de texto que relata a história da vida de uma pessoa, ou de um personagem, modificando alguns traços, mesclando elementos reais com “poeira” de imaginação. Biografema é a história de uma vida inventada, fantasiada. Após rever o assunto, lancei a seguinte provocação: escolher um personagem de um livro visto em aula, para escrevermos, coletivamente, um

¹⁷ As iniciais demarcam o sigilo sobre os sujeitos da pesquisa.

¹⁸ Vide apêndices.

biografema. O rato Honorato foi voto vencido, todos queriam “invencionar” a vida daquele personagem querido. E logo a turma deu um jeito de modificar o trágico final, pelo qual o ratinho estava condenado a morrer na história original de Lílian Sypriano.

Após algumas semanas da escrita do biografema da turma 30B, retomei o conceito de autobiografia e expliquei o conceito de autobiografema. Portanto, o próximo passo foi a leitura de alguns exemplos de autobiografemas produzidos no ano de 2009, por crianças da mesma escola, porém de outras turmas¹⁹. As crianças deleitavam-se nas fantasias de escritura. Ávidos sorrisos corriam pela sala. Prazer de escutar o inusitado! A linguagem, naquele instante, tornara-se ilimitada, tomada pela troca de prazer entre a professora-leitora e colegas-ouvintes, num sucessivo jogral de deleite literário. Costa (2010, p. 123) considera que:

A leitura biografemática faz irromper a figura do leitor, não como curioso empírico, mas como ator de uma escritura que já é, ela mesma, a realização de uma vida possível. O leitor desprende-se da idéia de objetividade de um texto e inclui neste mesmo texto um saber que só ele poderia ter, com sua vontade de estar nessa vida sendo lida [...]

Depois da leitura, escutava as vozes afoitas, querendo colocar em prática as suas fantasias. Falavam em animais dançando “funck”, superpoderes, cavalos alados, dragões e castelos também faziam parte do cenário imaginativo que a turma começava a confabular.

Passara-se mais de uma semana. Em uma tarde de muito calor, as crianças em estado de “efervescência”, envoltas por risos, olhares, ponta de lápis no chão, alguém que vai ao banheiro, alguém que olha pela janela, cenas corriqueiras da vida escolar, aparentemente nada de novo. Pedi, então, o último experimento nesse espaço de narrativas invencionadas: propus que escrevessem o biografema de um personagem ou autor querido. Folhas nas mãos, em temperatura alta, houve na escrita biografemática uma forma bastante particular de extravasarem a “ebulição” infantil. No papel de professora que ali exercia, não havia maior contentamento do que perceber nas crianças o envolvimento com a proposta, na expressão dos olhos e entre cochichos, percebia-se uma troca de fantasia, por vezes, o roubo das ideias do colega. Mas, a marca maior dessa “empíria” foi perceber que estavam sentindo

¹⁹ Refiro-me à experiência que tive com Oficinas de Escrituras Biografemáticas durante o período que participei do projeto “Fantasias de Escrita: Devir-Infantil de Currículos Nômades”, sob orientação da professora doutora Sandra Mara Corazza.

prazer em escrever histórias, pois ficou visível a fronteira que ali se estabeleceu entre o real e o fantástico, e este não raro causara divertimento nas crianças. Estaria impregnado na estilística dos textos das crianças uma certa dose de humor. Posto isso, complemento com as palavras de Held (1980, p. 180), que assinalam : “[...] o humor fantástico é, em muitos casos, fonte de reflexão para a criança, elemento importante de sua formação intelectual e humana”.

3 HISTÓRIAS NARRADAS, FANTASIAS REVELADAS: as surpresas encontradas nos biografemas

Olhos esticados sobre os textos. Reviso uma, duas, três, inúmeras vezes e a cada passada de olhos algo inusitado parece florescer nas linhas escritas: alguém nasce caminhando, vejam só! Virar super-herói ou duelar com dragões também é uma tarefa possível, assim como andar de *limousine* com a Lady Gaga, virar astronauta ou, ainda, ser um agente secreto. As fantasias servem como disparadoras deste estudo, no entanto a leitura aguçada dos textos me ocasionou outros saberes acerca do imaginário infantil inserido nas narrativas escolares, sob orientação de leituras como, por exemplo, Dalla Zen (2006) e Colomer (2003), foi possível compreender a estrutura das histórias narradas, bem como as implicações históricas e culturais que nelas estão alinhadas. Além disso, Bakhtin (2010) auxiliou-me (e muito) a pensar como as marcas culturais podem perpassar a língua (oral e escrita) através das relações dialógicas que encontrei nas fantasias, a partir de então, um novo conhecimento; mais uma surpresa revelada.

3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS: a narrativa e seus subgêneros

Na obra bakhtiniana discute-se o emprego da língua pelo uso de enunciados, ou seja, a expressão de pensamentos através de palavras pelo uso oral ou escrito. Denomina-se, então, os gêneros do discurso como sendo esse apanhado de enunciados *relativamente estáveis* conforme o seu uso dentro de um campo linguístico. Desse modo, devido a recorrência constante do uso da língua por seus falantes, os gêneros do discurso são infindáveis, partindo daí a necessidade em classificá-los como gêneros primários (simples) e secundários (complexos)²⁰. Poder-se-ia pensar, dessa forma, que a narrativa e seus subgêneros aqui pontuados (biografia e biografema) estão classificados como gêneros secundários, pois se percebe uma rede cultural permeando a escrita, seja através do uso de expressões idiomáticas, seja pelo próprio enredo da narrativa.

²⁰ Os gêneros primários dizem respeito ao meio comunicativo imediato, o diálogo, por exemplo. Já nos gêneros secundários, ocorrem a resignificação do gênero simples, englobando aspectos sociais e culturais bastante complexos como a criação de personagens na escrita de um romance, ou a construção de uma pesquisa científica, entre outros.

Contudo, a lógica do autor não se preocupa somente em organizar e classificar os gêneros discursivos, embora também os faça, mas principalmente em pensar a linguagem e seus enunciados dentro de um campo cinemático²¹. Assim, faço uma analogia com a ciência dos movimentos mecânicos, pois, igualmente, a língua está em constante movimento, não sofre inércia²², a saber, há sempre uma força que a impulsiona o uso ou trocas de enunciações através da relação *autor-locutor*, constituindo, assim, o que o autor denomina como *ressonância dialógica*. A este respeito Dalla Zen (2006, p. 59) aponta-nos que:

Essas reações-respostas são marcadas pela alternância de sujeitos falantes, o que não deve ser encarado apenas como uma troca de turnos, mas como princípio constitutivo do enunciado, ou seja: o acabamento específico do enunciado é o espaço para resposta.

Assim, esse efeito aparece em alguns escritos biografemáticos na forma de diálogos, vejamos a seguir:

Minhas férias maluca no Canada

“[...] 30 minutos depois chegou a Laddy Gaga e ela comesou a cantar a música Alerrandro e eu tambei, mais 30 minutos chegou o Justin Byber e começou a cantar Baby e 30 minutos depois chegou a Hana Montana, no fim do show todas comesaram a discoti porque uma tava no show da outra e daí a Bionce falou:

-Sua loira metida no meu show. E a Laddy Gaga falou:

-Voce que é metida!

Todas comesaram a rolar no show e eu comecei a jogar comida e suco”.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. J., menina)

Observemos que no excerto fica visível a maneira como a criança articula o diálogo no texto, trazendo a ideia de fechamento do pensamento, o que Dalla Zen destaca como “acabamento específico” do enunciado. Assim, outro ponto a ser enfatizado refere-se à semântica dos vocábulos, tendo em vista que o significado utilizado nas expressões mais usuais da fala como “rolar”, ou “metida” remete-nos a pensar que a menina carrega consigo uma experiência de linguagem, ou seja, ela tornou vivas no texto palavras ou expressões já conhecidas, utilizadas na

²¹ Relativo ao campo da física que estuda o movimento mecânico dos corpos mediante a ação de uma força.

²² Tal conceito é conhecido na física por ser a primeira lei de Newton, ou princípio da inércia, em que consiste em um corpo sem ação de forças, ou, ainda, submetido a um arranjo de forças nulas, as quais não o impulsionam a velocidade, deixando-o parado.

modalidade oral da língua; entretanto, recontextualizando e ressignificando-as em um texto escrito, o que Bakhtin denomina como um *mecanismo híbrido*, na medida que “trabalha com uma pluralidade de signos da cultura” (Machado, 2005, p. 153). De igual modo, o estilo do texto também pode ser considerado heterogêneo, pois para Bakhtin ele está colado nos enunciados e no seu amplo funcionamento linguístico. Segundo o referido autor (1992, apud Dalla Zen, 2006, p. 59): “[...] quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção dentro de um gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero”. Assim, o gênero biografia foi pulverizado, não do seu gênero maior (a narrativa), mas tomou uma nova forma e renovou o seu valor semântico, através do biografema. No entanto, ainda que a língua possua certa maleabilidade, é preciso ter em mente que o câmbio verbal é feito tão-somente por experiências anteriores a ele, tal qual indica a narrativa exemplificada.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DAS NARRATIVAS INFANTIS CONTEMPORÂNEAS

De mãos dadas, a literatura e a história sublinham os percursos sociais e culturais da humanidade. Neste ensaio, cabe mostrar um apanhado breve sobre como tem se constituído a narrativa de crianças e adolescentes, sobretudo as primeiras, na dinâmica da contemporaneidade. Para tanto, utilizarei como referencial teórico os estudos de Teresa Colomer (2003) e Maria Isabel Dalla Zen (2006), ambas retratando em suas teses a nova face da narrativa que permeia a educação da cultura ocidental.

Primeiramente, me deterei no corpus de análise de Colomer, em que cerca de 150 narrativas escritas para crianças e adolescentes²³ foram investigadas com a finalidade de perceber o modo como a literatura vem discutindo os impasses sócio-culturais do século XX, que atingem os jovens leitores de todas as classes e gêneros. Grande parte dos textos em análise, bem como o próprio estudo em questão, são oriundos da Catalunha (Espanha), território o qual recebe grandes

²³ Neste estudo focarei somente nas observações acerca das narrativas elaboradas para a leitura de crianças da faixa etária entre 8-10 anos, tendo em vista que é esse o público que referencio na minha empiria.

influências (culturais, inclusive literárias) da França devido à sua proximidade. Desse modo, a autora constata a presença de tais eixos literários nos gêneros escritos para crianças entre 8-10anos: literatura fantástica, animais humanizados, humor, fórmulas folclóricas, personagens ou situações extraordinárias, objetos animados, superpoderes e formulação de hipóteses. A partir desses apontamentos, construí uma tabela comparativa e analítica, na qual procuro registrar minhas buscas desses elementos nos biografemas da turma B. O meu objetivo é pensar, então, o modo como a literatura ocidental contemporânea está influenciando (ou não) a fantasia de escritura das crianças. Os dados, conforme mencionado, anteriormente, não são determinantes, mas servem como argumentos reflexivos que se agregam aos conhecimentos já assinalados por Bakhtin e Barthes. Assim sendo, percebi que nos quarenta biografemas analisados, 100% deles utilizam o ícone literatura/escrita fantástica. Para Colomer este apontamento também surgiu em número considerável, pois aparece em cerca de 87,5% dos livros escritos para crianças. Vejamos com lentes investigativas como recorrem as demais informações:

Sem título

Um dia fui no shopping e tava vendo uma roupa bem bonita, daí eu fui andando derepente apareceu um macaco dançando valsa com um cachorro depois apareceu o macaco dançando funk cos gatos e cachorros. Daí no final o cachorro deu um pum com seus amigos e eu saí correndo.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. C., menina)

O astronauta João

O herói João estava lutando contra os Aliens do planeta Canibal ele derrotou todos menos o... rei... o Predador X. Então João aterrisou em Nova York e vê o terrível gorila Píngue-Píngue de 2099 e derrepente surge o homem-porco-aranha e também James Bonde!

Homem-porco-aranha enroscou os pés e João fez ele desmaiar e James Bonde levou ele para a Z. G. A. F (zoológico do governo de animais ferozes).

João teve que ir para casa derrepente surgiu o Duende-verde e derrota João!

João conseguiu um emprego no Canadá e lá ele viu seu amigo James Bonde numa cama de algemas um laser estava ativado para a morte de James Bonde e João jogou uma moeda no laser e libertou Bonde.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. J., menino)

A partir dos estudos de Colomer identifiquei em parte dos biografemas elementos como animais humanizados (cerca de 30%), tal qual os animais que se aventuram em diferentes ritmos musicais, ou animais que nascem cantando, que participam da vida do narrador-autor. Esta me parece ser também uma influência não somente da literatura infantil, mas ainda dos desenhos animados, mídia que acompanha grande parte da turma B. Outros pontos significativos são os personagens ou situações extraordinárias (77,5%) como ser um herói que combate diferentes tipos de monstros e aberrações com seus superpoderes (27,5%), ou cantar com astros do pop, combater extraterrestres, se afogar em alto mar. Fantasias que perpassam doses contínuas de aventura (esta não foi assinalada pela autora, mas foi bastante significativa nos biografemas) além do humor. Já este último, enlaça parte das narrativas (30%) e de diferentes maneiras, sendo a mais usual a brincadeira com o absurdo, com práticas que se distanciam, consideravelmente, do real (morrer soltando puns, nascer caminhando, lutar com duendes, dançar com abelhas e etc.). Diferentemente da autora, nas propostas realizadas em aula, não foi possível vislumbrar nas narrativas objetos animados e a criação de hipóteses por parte dos personagens. Já as fórmulas folclóricas, como o surgimento de castelos, dragões e princesas obtiveram resultado bastante restrito, apenas 10% dos textos. Além disso, muitas das fantasias se repetem, como, por exemplo, os animais humanizados, posto que as possibilidades para esse fato são

as mais diversas possíveis, inclusive a cópia da ideia do colega, uma estratégia utilizada entre as crianças; percebi que algumas sentiam-se cativadas pelo teor criativo e cômico das fantasias que ‘sentavam’ ao lado. Assim, no mesmo tom humorístico, muitos deles recriavam a partir da ideia do outro, modificava-se tempo-espaço, personagens, mas o traço oblíquo daquilo que era passível de riso permanecia, reforçando a diversão efervescente que movia as narrativas e também a sala de aula.

Posto isto, a pesquisa de Dalla Zen enquadra-se dentro do campo dos estudos culturais e da linguística e investiga 224 narrativas de turmas de 4º série (5º ano), do ensino fundamental, da rede pública e particular de Porto Alegre. O eixo central do estudo avalia não só a reflexão sobre as práticas culturais relatadas pelas crianças, mas também a maneira como os textos produzem identidades, considerando que estes são um gênero discursivo particular. Assim, considerei indícios retirados das análises da autora quanto à estrutura das narrativas infantis, tais como: criação de narrador e personagem, narrativa-relato, narrativa-conto, linearidade ou ordenamento dos fatos, circunstancializações temporais, nó narrativo, peripécia e delimitação do espaço. Observemos, então, como esses sinais mostram-se vivos nos biografemas:

Sem título

Um dia eu virei um super saiadim e um super madinbu éra do mal e ingraçado, ele tinha poderes éra transformar as pessoas em doces.

E os dois começaram a lutar.

Em 2009 o madimbu morreu soltando puns.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. D., menino).

Sem título

Eu estava caminhando pelo açudi e eu vi um bicho se mechendo e eu fui ver e era um sapo.

E daí eu levei susto.

Eu fui correndo pra casa do meu vô quando eu entrei dentro de casa o meu vô e minha vô tavão dansando.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. L., menino)

Sem título

Um dia eu tava indo pra escola e parei no meio da rua e comesei a dansar a dansa do siri e todo mundo tava rindo de mim.

[...] Um dia eu tava no jogo do inter e os jogadores não entraram em campo, daí eu fui ver e só tinha cama lá para eles dormir no campo.

Isso foi amanhã que eu acho que era ontem.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância: T., menino)

Sem título

Eu nasci filhote da esquilete Britani.

Em 2003 eu tinha 10 anos e eu fui passear e achei o Gocu e ele me deu poderes.

Um dia eu fui para a praia e uma borboleta me picou.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. E., menino)

A partir dos critérios sinalizados por Dalla Zen, percebo que grande parte dos textos estrutura-se dentro do cenário narrativo, pois 100% dos textos contêm narradores e personagens, variando, evidentemente, de acordo com o conteúdo da trama. Fica visível a diversidade dos personagens utilizados pelas crianças, a maioria narra em primeira pessoa, inserindo-se no enredo, juntamente com familiares (avô), colegas da escola, personagens de desenhos animados (Saiadim, Madimbu, Britani, Gocu) ou histórias em quadrinhos, ou, ainda, personalidades famosas, como atrizes, cantores ou apresentadores da T.V. Outro ponto significativo foi quanto à distinção entre narrativa-relato e narrativa-conto, tratando-se, pois, da classificação proposta pela autora com base nos estudos de Adam e Revaz (1997). Assim, a narrativa-conto perpassa pelos seguintes pontos estruturais: cenário

espaço-temporal, situação de tensão, nó narrativo, segmentações temporais, transformações e desfecho, respectivamente. Já a narrativa-relato, conforme o próprio nome anuncia, trata da narração de um acontecimento em forma de relato, sem, necessariamente, conter um nó que tensiona a trama e que, posteriormente, seria solucionado pelo desfecho do impasse sugerido. A narrativa-conto, sem dúvida, propõe uma ideia mais completa dos feitos abordados pelo narrador, portanto, apresenta maior complexidade o que exige, por conseguinte, certa “experiência” dos escreventes. Talvez seja esta uma das possibilidades para que 67,5% dos textos analisados pertençam à categoria de narrativa-relato, tendo em vista que não conseguem promover uma linha sequencial e organizada na estrutura da escrita, com ideias/problemas que se desenvolvem e se desenlaçam no decorrer do trabalho. Outra hipótese, bastante provável para tal, é que, anteriormente ao primeiro exercício biografemático, realizei, em conjunto com as crianças, um quadro comparativo entre biografia (suporte textual já conhecido pela turma) e biografema (a novidade, o conceito de biografia trazido com nova roupagem). Evidencia-se, de tal modo, que os biografemas carregam as ‘marcas’ conceituais do comparativo que estabelecemos juntos, visto que apontamos no gênero biografema uma escrita fragmentada e desalinhada, contendo diferentes efeitos imaginários e isto aparece - claramente - no terceiro e quarto excertos, quando abordam categorias muito distintas de temáticas, as quais não se orientam dentro do mesmo campo semântico, não obtendo sentido dentro do todo da narrativa. Além disso, observei que nem todas as narrativas-relato possuem linearidade dos fatos, mas todas as narrativas-conto constituem uma escrita mais direcionada/focalizada. De igual modo, as narrativas-relato, quando omitem o ordenamento da escrita, não apresentam nó narrativo, mas apenas uma sequencialidade de peripécias avulsas nas linhas da trama, tal qual aparece no terceiro e quarto excertos. A delimitação dos espaços foi sublinhada por 75% das histórias, sendo que, muitas delas, contêm mais de um ambiente na mesma trama (a rua, o jogo de futebol, o açude, a casa dos avós e etc.). Além desse feito, enfatizo as circunstancializações temporais se fazem presentes em 100% das narrativas, variando entre hora, data, idade (em 2003 eu tinha 10 anos), fórmula narrativa (era uma vez, felizes para sempre) indicando também o início e a conclusão da história, ou, ainda, através dos advérbios (um dia eu tava no açude, um dia eu virei saiadim, certo dia, enquanto isso, numa época há muito tempo e etc.). e, por último, a coesão textual sequencial pelo uso dos tempos

verbais (eu nasci, ele me deu, fui correndo). Acrescento, então, uma observação breve, em que se vislumbra a operacionalização do tempo fragmentado na escrita biografemática, descolado do plano cronológico quando o menino desenha as palavras do seguinte modo: “Isso foi amanhã que eu acho que era ontem”, traçando na grafia a vulnerabilidade temporal que discorre no saboroso conceito barthesiano.

Por fim, destaco, mediante apontamentos de Dalla Zen, os conteúdos descobertos nas fantasias de acordo com alguns critérios traçados pela autora nas suas análises dos escritos infantis. Entre eles, indico o uso do imaginário/ fantasia, uso do humor, formulação de hipóteses por parte dos personagens e ações que abordam atividades recreativas. Além de tais indicativos assinalados pela autora, registro o ícone ‘cenas previsíveis à cultura escolar’, pois a autora propõe, segundo aportes bakhtinianos que:

A narrativa escolarizada tramada a determinadas regras de produção de discurso próprias de um lugar institucional específico (a escola) pode ser vista como um gênero relativamente estável. Ligado a um *script*, a um quadro cênico mais ou menos esperado, a uma cenografia que se constitui dentro de uma ordem. (Dalla Zen, 2006, p: 67).

Contudo, a biografemática - a saber - nem sempre vai ocasionar, no teor de suas fantasias, uma estabilidade ou equilíbrio, mas é possível perceber uma fissura com os fatos segmentados, tal qual apontado em outros momentos desse estudo. Pensei, por esse viés, em inserir esse eixo analítico, a fim de refletir sobre a incidência (ou ausência) de um “enunciado padronizado” acerca das experiências vividas na escola. A seguir, vejamos os biografemas:

A história maluca

Um dia eu fui nadar no mar quando uma água-viva me deu um choque e um navio estava sem controle e me levou lá pro fundo. E uns eles me pegaram quando eu estava me afogando e eles me levaram pro planeta Chacaro. Para me estudar e eles eram muito estranhos.

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. L., menino)

Sem título

No dia 23 de dezembro tinha recebido meu boletim para ver se eu passei de ano, e eu tirei 0 não passei e minha mãe e meu pai me deram um castigo me mandaram para o colégio de S.R.D.A.Q.T.Z. que se significa (Sentro de reabilitação de alunos que tiram zero).

Cheguei e a capitam veio falar comigo arregalei os olhos e falei baixinho:

-Essa mulher tenque fazer uma plástica para mudar de rosto porque ela parece um HOMEM (Rissos).

E eu ia ficar dois meses inteiros lá. Eu no ia agüentar ficar 2 mese nesse lugar [...]

(Proposta: Escreva um autobiografema de sua infância. J., menina)

A vida da Lady Gaga

A Lady Gaga é uma pessoa lendaria por que esta nos 48 anos no top 10 em primeiro lugar, Bed Yomens é uma musica que quando eu acordo ouço. O nome dela di verdade é Esley lindo ne? Ela tem um filho.

[...] Ela e o Bob fazem uma dupla e tanto. Disserão que o bebe foi criado por ele até os 4 anos de idade. A Lady Gaga que até hoje é uma estrela pop já botou o filho na adoção!!

(Proposta: Escreva um biografema de um personagem querido. G., menina)

Ao realizar a leitura desses excertos percebo a ‘faceirice’ de cada frase riscada pelas pontas de lápis; elas sorriem as histórias, as invenções que fotografam suas vivências de infância. Talvez este seja o motivo para o humor se destacar novamente e atravessar as ‘memórias inventadas’, pois muitos textos carregam esse traço, seja pela enunciação de risos dos personagens, seja pela ironia, ou, ainda, por reações biológicas que não costumam ser aceitas socialmente, pelos ditos “bons modos”, como o “pum”, por exemplo. Mas o que recorre de fato no aspecto humorístico é o distanciamento do real. As crianças buscam essa fuga, quanto maior a excepcionalidade do feito, maior será o gracejo; a frouxidão do riso na escritura. Sobre isto Held (1980, p. 181) aponta que “o humor supõe distância com referência a sim mesmo”, ou seja, o estranhamento causado pelo imaginário também é passível de provocar o riso. Além disso, os estudos assinalam que 100% dos textos conseguem atingir o inédito através de elementos fantásticos, ainda que alguns sejam mais evidentes do que outros, indicando (no sentido bakhtiniano) uma voz

pedagógica que ressoa a proposta indicada pela professora na sala de aula. Já o ícone atividades recreativas e de lazer aparece com frequentes variações nas fantasias como, por exemplo, shows de artistas e bandas, passeio ao shopping e discotecas, ou, ainda, praia, parques e fazendas. Entretanto, nem todos os apontamentos da autora convergem com os textos, pois, contrariamente, aos estudos de Dalla Zen e Colomer, os biografemas não apresentam argumentos hipotéticos por parte dos personagens das histórias. Além desse aspecto, a categoria *cenar 'previsíveis' à cultura escolar*, se manteve oculta em grande parte das linhas biografematizadas, contudo as narrativas que abraçam essa temática trazem elementos ricos para reflexão sobre o âmbito escolar. O segundo excerto ilustra elementos como o posicionamento da família em relação a avaliação escolar; indica o modo como os pais lidam com o suposto “fracasso”, salientando o uso da punição. Assim sendo, todos os aspectos salientados na escritura das crianças estão de algum modo intrincados com as práticas culturais que estamos inseridos. Segundo Dalla Zen (2006), a linguagem é constituinte das práticas culturais através das enunciações discursivas que realizamos; um modo de não apenas constituir sujeitos, mas também de (re)construir significados. Por fim, destaco a voz da mídia, como ressonância cultural da linguagem, pois ela pulsou vivamente nos escritos infantis, sobretudo na escolha dos personagens centrais das tramas, tendo em vista que 80% das crianças utilizou essa estratégia em suas narrativas.

3.3 Barthes e Bakhtin: um encontro possível?

Em meio ao frio da antiga União Soviética, na década de vinte, Mikhail Bakhtin estreia como teórico e historiador da literatura. Um dos pontos chave de suas obras foi ter provocado um debate acerca da teoria dos formalistas²⁴; desse modo, cabe informar que a proposta de Bakhtin, distante da rigidez linguística e literária de tal teoria, propõe justamente o contrário, isto é, uma linguagem heterogênea e desembaraçada, a qual destaca a prosificação²⁵ dos discursos disseminados entre as diferentes culturas. Segundo Machado (2005, p. 153) “Para Bakhtin, quando se olha o mundo pela ótica da prosa, toda a cultura se prosifica”, o que nos leva a pensar que a prosa encontra-se em diferentes fronteiras, podendo estar presente tanto na oralidade, quanto na poesia, ou ainda, no próprio romance.

Paralelamente a isto, em outro ponto geográfico (França) e histórico (década de 70), Roland Barthes publica a obra ‘*O prazer do texto*’, em que o autor subverte a semiologia²⁶, privilegiando a escrita-fruição, mais desenvolvida no papel e fugindo, desse modo, dos rigores científicos e do uso do método. Poderíamos pensar, então, que a proposta de Barthes remete ao contragosto de Bakhtin em relação ao uso da linguagem ‘purista’ e ‘fixa’ da poética indicada pelos formalistas russos. A partir deste ponto faço a seguinte provocação: Será esta a única convergência entre as ideias de Barthes e Bakhtin? Será possível criar um diálogo entre os já citados autores? É por acreditar na possibilidade desse bonito encontro que dou início a esta seção em que iremos descobrir nos biografemas de Barthes alguns aspectos também pensados por Bakhtin, tramando os conceitos de autor e personagem, bem como o de fantasia e de dialogismo, a fim de - aos moldes bakhtinianos - fazer dialogizar as diversas vozes que fazem reverberar ambos os autores.

²⁴Escola literária, de origem russa que se movimentou de 1910 até, aproximadamente, 1930. Entre os teóricos dessa corrente destaca-se, Victor Chklovsky, entre outros. Tal teoria visou estudar a *forma* das poesias a partir de métodos científicos.

²⁵ Refere-se ao gênero discursivo prosa.

²⁶ Perrone-Moisés (1983), retrata a semiologia como a ciência que estuda os signos lingüísticos. Tal teoria esteve em destaque, principalmente, nas décadas de 60 e 70, integrando-se aos estudos estruturalistas, em que pretendia-se destacar no campo das humanidades os arranjos formais, as estruturas, decifrar signos, sobretudo, através de análises e uso de métodos. Segundo a autora, pode-se destacar como pensadores estruturalistas Lévi-Strauss, na antropologia, Lacan na psicanálise, Foucault na filosofia e Barthes na lingüística.

3.3.1 - Biografia X Biografema: O autor e seus outros 'eus'

Como mencionado, anteriormente, o biografema de Barthes trata, não raro, da trama de vidas. Vidas estas, que se engendram a partir do conjunto de duas esferas: *traços e fantasias*. A primeira refere-se aos *pormenores* da vida de quem se escreve, ou seja, o detalhe ínfimo do cotidiano, algo que, segundo Feil (2010), jamais seria destacado por um biógrafo, pois não versa sobre um grande feito, mas sim sobre algo que serve para despertar o desejo da escritura²⁷. Assim, a partir destes 'farelos' simbólicos de vida, é que a fantasia entra em cena, a fim de protagonizar o texto, pois a ela compete a função de tornar o ignorável um acontecimento inventivo. A esse respeito, Feil (2010, p. 33) sinaliza que "os traços não são, simplesmente, localizados, mas inventados. Em outros termos: a tarefa inventiva não se dá apenas após a identificação, mas ocorre desde o início". Pode-se pensar, então, que o biografólogo coloca-se, simultaneamente, no papel de *scribens*²⁸ e de observador, isto é, aquele que escreve e analisa a vida de outrem e, em certo sentido, abstrai as 'poeiras vitais' que o prendem, para, a partir desse ponto, desbravar fatos inimagináveis sobre a vida do outro, e, por conseguinte, de si mesmo. São vidas que se entrecruzam sob olhares diferenciados, um espia o outro; biografólogo e biografado numa relação tênue e intensa ao mesmo tempo, uma mescla de vidas, de fatos (reais e inventados), dramas e peripécias que se soltam - diante do escritor (biografólogo) e de sua caderneta.

Já para Bakhtin (2010), no que tange à relação autor-personagem, a biografia tem um sabor bastante similar ao do biografema de Barthes, pois para ele o biógrafo não se limita à narrativa da vida do outro, mas constitui-se no repensar e vivenciar a própria vida, ou seja, o ato da escrita tem também a função de conscientização e enunciação da vida do biógrafo. Da mesma forma que Barthes, Mikhail Bakhtin nos mostra que a biografia trata da feitura de vidas narradas e cambiantes e nos aponta que "O ato da biografia é um tanto unilateral: aí há duas consciências e não duas posições valorativas, há dois indivíduos, mas não um eu e um outro e sim dois

²⁷ Segundo Perrone-Moisés (1983, p. 10), Barthes, ao biografematizar a vida de Sade, destaca os punhos de suas camisas, já com Fourier ele menciona os vasos decorativos.

²⁸ Segundo Roland Barthes (2005, p. 174), "o eu que está na prática da escritura, que está escrevendo, que vive cotidianamente a escritura".

outros”. Bakhtin (2010, p. 151). Apresentarei, assim, os biografemas para que possamos neles encontrar *traços* de vidas que foram esculpidas a quatro mãos:

Biografema da turma B

Era uma vez uma família de gatinhos que morava numa garagem cheia de biscoitos. Os gatos eram muito amigos do rato Honorato que também vivia por lá.

Um dia o rato Honorato morreu comendo um biscoito envenenado e todos os gatos ficaram muito tristes. Os gatos resolveram fazer uma homenagem para o Honorato enterrando o coitado no estádio Beira Rio e o Paul McCartney veio cantar para ele.

Todos choraram de emoção e colocaram um queijo autografado no caixão do pobre ratinho. Honorato sentiu o cheiro do queijo e ressuscitou de tanta alegria!

No final tudo fica bem e o Paul McCartney cantou uma música para o Honorato!

(Proposta: biografema coletivo)

Sem título

Um dia eu, a minha irmã e meu pai estávamos na praia e meu pai tava na água e veio uma baita onda e quando foi embora apareceu a coeca do meu pai. Depois quando fui dormir na barraca alguém soltou um pum e eu falei que cheiro ruim de torpedo!

(Proposta: escrita do autobiografema de infância, A.C.M, menina.)

O primeiro fragmento resulta de uma produção coletiva, cuja proposta foi criar um biografema da vida do rato Honorato, personagem escolhido pela turma. Na história original de Lílian Sypriano (2007), Honorato era um rato que vivia na casa amarela, onde moravam também alguns gatos que o perseguiram, constantemente, devido à sua vontade de devorar toda a comida da cozinha. Certo dia, Honorato apareceu morto e a trama da autora segue através de um divertido suspense: descobrir quem foi o assassino. Assim, no biografema das crianças, podemos observar a forma desenvolvida como elas operacionalizaram os conceitos de Barthes e Bakhtin. No primeiro momento do texto, descrevem o local onde habitam os personagens, inserindo ali certa ficcionalidade, mas também se valem de alguns pontos factuais, como, por exemplo, os personagens e o nó da trama: a morte. O texto, nesse caso, é elaborado por muitas mãos, as quais se fazem *scribens*, como

denominaria Barthes, tendo em vista que elas inserem no fragmento aspectos da sua vida, transpondo a vida para a obra, de modo a não conseguirem dissociar autores e personagens, pois ambos estão atrelados a uma mesma vivência social e cultural. Sobre este aspecto, podemos sinalizar que as crianças mencionaram o show de Paul McCartney, o qual ocorreu no estádio Beira Rio, situado em Porto Alegre-RS, no dia anterior ao da produção coletiva, retratando na escrita de biografemas a mistura entre a cultura em que estão inseridas e a quimera divertida da narrativa que ali se instalava tão espontaneamente.

Além disso, esse fragmento indica algumas riquezas lingüísticas que merecem destaque, como por exemplo, a apropriação que os pequenos *scribens* adquirem da fórmula de abertura dos contos de fadas (Era uma vez, um dia...), sinalizando a dialogia textual que se instaurara na obra coletiva. Outro elemento interessante da fantasia é a escolha sintática através da expressão adverbial *garagem cheia de biscoitos*. Utilizam-se da coesão (depois, ele e etc.) e da coerência para dar sentido ao propósito da escritura. O campo semântico acionado delinea muito bem as escolhas (enterro, homenagem, chorar de emoção, queijo autografado, a importância do Honorato...).

Visualizam-se, também, lampejos estilísticos, pois o texto inicia com a expressão *uma família de gatinhos*, que se desdobra em *os gatos*, denotando força enunciativa. Os gatos, inclusive, fazem uma homenagem para o morto em um estádio de futebol, o que mostra os efeitos de vidas vividas e observadas dentro da cultura. Dessa forma, o texto mescla cenários de diferentes contextos (garagem e estádio) e inclui personagens midiáticos (Paul), mesclando sentidos novamente: queijo autografado. As escolhas lingüísticas correspondem à importância do momento descrito (o enterro e a homenagem): *pobre ratinho* (um adjetivo anteposto ao substantivo, uso sofisticado, por exemplo). Aderem ao consagrado (pela infância) desenlace: o final feliz.

O segundo fragmento, no entanto, trata de uma produção individual em que as crianças deveriam escrever um autobiografema de sua infância. No episódio 'invencionado' pela menina, é possível perceber pequenos traços biografemáticos, pois esta narrativa já iniciara com 'miudezas' cotidianas, um passeio na praia com a família, nada de extraordinário, entretanto, este feito foi o desencadeador da fantasia que segue na escritura da criança, visto que a partir dele surgiram os elementos aprazíveis da linguagem, os quais tornaram possível 'brincar com as palavras' (nota-

se gracejos humorísticos que sondam o texto, certo uso coloquial que proporcionam uma leitura descolada dos pressupostos gramaticais e, talvez por isto, esteja em evidência a leveza da escritura). Paralelamente a isso, poderíamos pensar que há outro ponto de congruência entre o biografema de Barthes e a biografia de Bakhtin: ambos os gêneros tratam da escrita de vida de quem se quer bem. O que Barthes (2005) denomina de “amor ágape”, isto é, escrever sobre a vida de quem amamos, a fim de perpetuar a sua existência. Bakhtin (2010) aborda como “empatia”, pois para este autor é necessário que haja uma certa afinidade entre biógrafo e biografado durante o transcorrer da escrita.

3.3.2- Vozes literárias: o autor e o personagem por Mikhail Bakhtin

[...] Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada por uma suma de não-eus sintetizados num eu posição²⁹.

A poesia de Fernando Pessoa carrega consigo, por meio do uso de heterônimos, a problemática da multiplicidade do ser. Para Fernando Pessoa, é preciso ser outros, criar vidas outras que atravessem a sua própria vida, tomando, nesse sentido, corpo, forma e dimensão de outrem, colocando-se à margem de si mesmo e experimentando personagens com diferentes relações éticas, sociais e culturais, mas que se combinam entre si, formando uma cadeia pluralizada de sujeitos. De igual modo, tão introspectivo quanto o poeta, Bakhtin retrata a relação autor-personagem mediante uma abordagem múltipla e reflexiva, pois para ele o autor nunca está só, mas sim acompanhado de seus personagens, os quais refletem a sua própria linguagem, embora estes também possuam consciências e razões axiológicas. A este respeito Bakhtin (2010, p. 3) aponta-nos que: “[...] as personagens começam a desligar-se do processo que as criou e levam uma vida autônoma”.

Assim, na obra bakhtiniana, é possível perceber que o autor suscita a vida de seus personagens, acentuando suas peculiaridades, atribuindo-lhes consciência e linguagem, no entanto, tudo o que pertence ao personagem é também pertencente

²⁹ PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (Textos estabelecidos e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática, 1966: 93.

ao autor³⁰ os dois possuem certa interdependência, são vidas distintas, com vozes que dialogam entre si e olhares que se esbarram, por vezes com certo estranhamento, seriam como corpos diferentes refletidos no espelho, onde um procura olhar para si com o olhar do outro. Posto isso, pensemos (ou imaginemos), agora, de que modo porta-se o *autor* de Bakhtin, como ele se insere nas linhas do texto e, principalmente, como é possível banhar-se com a vida de seus(s) personagem(s)? Assim, um dos aspectos assinalados por Bakhtin no que tange à questão do autor é que o mesmo é mais vulnerável ao mundo da personagem ao atingir uma consciência criadora, isto é, o momento em que a consciência do autor desdobra-se em duas: sendo uma delas a dele próprio e a outra, a consciência e o mundo do seu personagem. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 11): “A consciência da personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo-diretriz-volitivo-emocional concreta-, é abrangida de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e de seu mundo [...]”. Trata-se, em suma, de um amálgama literário que - no meu entendimento - é constituído não só pelas vozes de autor e personagem que, em certo sentido, dialogam, mas ainda, pelo deleite inventivo saboreado pelo autor no seu momento de composição da escritura. Vejamos, então, como o processo autor-personagem ocorreu nos textos biografemáticos dos infantis:

O passeio da ursa Tuta.

Tuta é uma ursinha muito responsável. Um dia Tuta foi passear com sua mãe Leci na loja de brinquedos a mãe dela disse:

Pegue um brinquedo que não seja muito caro.

Então Tuta escolheu o brinquedo mais bonito da loja e o mais barato.

Esse passeio foi o melhor passeio da ursinha Tuta ela ficou muito contente com o brinquedo e falou: ‘Obrigado’.

(Proposta: Escrever o biografema de um personagem querido. C, menina)

O doce fragmento composto pela menina na forma de biografema do seu urso de pelúcia possui, no seu teor linguístico, tanto um campo semântico,

³⁰ Faço alusão, nesse sentido, ao personagem Honorato, pois ele pertence ao repertório imaginário das crianças, tanto que ganhou outra vida, em outro contexto.

particularmente, infantil, quanto um conteúdo, intenso e denso. Isto ocorre quando a criança se expressa como autora-narradora e, ao mesmo tempo, projeta-se na consciência moral, social e cultural do personagem escolhido por ela. É possível notar que a substância do texto e de sua fantasia emerge do cotidiano da menina, retratando o passeio na loja de brinquedos com a mãe e a procura por um brinquedo interessante e com preço razoável. Contudo, há nas linhas biografemáticas uma singela aliança entre autor-personagem, embaralhando, por vezes, suas razões valorativas e suas consciências.

O quatro-braços

Era uma vez um planeta que o nome era quatum e lá vivia o quatro-braços. Ele tinha quatro braços ele era o líder do planeta quatum.
 E no dia seguinte um invasor invadiu o quatum e o nome do invasor era Vilguacis ele era um vilão muito forte e ágil esperto.
 E os ajudantes atacaram o Vilguacis e todos morreram e o quatro-braços quase morreu mas usou a sua arma secreta e o Vilguacis morreu.

(Proposta: Escrever o biografema de um personagem querido.D., menino)

Diferentemente do que Bakhtin denomina como *autor-pessoa*³¹, o narrador acima se revela *autor-criador*, ou seja, ele também faz parte da obra constituindo-se como objeto estético da mesma e retomando, nesse sentido, a consciência abrangente da consciência e vida dos personagens. Assim como o excerto anterior, este estabelece uma convergência axiológica entre a realidade da criança e os cenários e personagens midiáticos e livrescos apontados por elas: eis a dialogia nas fantasias de escritura! Assim, se gere-se no texto a existência de dois personagens centrais (o bandido e o herói) e o narrador-autor, este último posicionado como ‘coadjuvante’ no enredo da narrativa. Neste caso, o autor possui múltiplas consciências, a de si mesmo e de todos os personagens que cabem nesta trama criada por ele, havendo, inclusive, um conflito ético-valorativo entre os personagens ditos “vilão” e “herói”. A esta pluralidade de consciências, sendo que uma está fora da outra, isto é, o autor está, dentro de sua própria consciência, observando as

³¹ Para o referido autor, a expressão indica aquele que está aquém da compreensão sobre o princípio criador que há na relação autor-personagem, trata-se do ‘eu’ que está fora do processo da escrita.

consciências de seus personagens e atribuindo-lhes juízos de valor, a este feito, em suma, Bakhtin nomeou *exotopia*³².

3.3.3 Vida e obra, obra e vida: o autor e o personagem por Roland Barthes

Premissa primeira: em termos literários é preciso fazer pulsar as diversas vozes que estão no âmago do autor. A escritura proporciona o encantamento de ter-se sempre alguém ao lado, vidas compassadas que aventuram-se, que brigam, que ‘fazem as pazes’ ; diria que trata-se de um casamento entre autor e personagens. Visceralidade letrada que fazem as muitas mãos transcreverem o cotidiano puro e simplesmente pelo gosto. Tudo parte da relação dialógica entre *autor-leitor*, pois segundo Barthes (1987), é preciso que ambos desfrutem do gozo de estar diante das páginas que rascunham a obra vivaz. Eis o primeiro sintoma dialógico: o deleite literário. A partir disso, o leitor toma para si o cerne do texto e transforma-o em um enunciado terceiro, não apenas com o que fora dito pelo autor da obra, mas também pelos sentidos e quererres do próprio leitor. São esses breves e sedutores vocábulos (do autor) que fisgam o leitor para uma retomada do texto, agora, vivido também por ele sob os moldes da sua fantasia, construindo, desse modo, uma aliança de vidas e de obras, fundindo identidades e autorias, pois como sugere Costa (2010, p. 114) “[...] com os biografemas a concepção de autoria toma outros rumos”. No caso das crianças, nem sempre falarão acerca de autores, visto que as propostas foram abertas para biografematizarem autores/ personagens queridos, ou elas mesmas, compondo o seu autobiografema, tal qual o criador do neologismo na sua obra *Roland Barthes por Roland Barthes*³³.

³² Segundo Bakhtin (2010, p. 11) “EXOTOPIA: o fato de uma consciência estar fora da outra, de uma consciência ver a outra como um todo acabado, o que ela não pode fazer consigo mesma”.

³³ Trata-se do autobiografema escrito por Roland Barthes (1977) compondo suas memórias inventivas.

O rato Honorato

Era uma vez uma casa vermelha onde vivia uma família de gatos. Certo dia, morreu o rato Honorato. O túmulo dele era no cimitério dos ratos subterrâneos no Rio Guaíba. Ele foi enterado no dia 23/12/2010. Contrataram o detetive Vincenzo.

Ele estava observando o local do crime. E depois de três meses descobriram que matou foi os vizinhos e eles foram presos e viveram felizes para sempre.

(Proposta: Escrever um biografema de um personagem querido. F., menino.)

Darei partida pelos aspectos narrativos com os aspectos, em que é possível identificara versatilidade do uso do tempo que ora aparece determinado (inserção da data 23/12/2010, 3 meses depois) e ora indeterminado (Era uma vez, certo dia, desencadeando expressões conhecidas pelos contos de fadas ou narrativas orais). Há, também, uma riqueza de detalhes sobre o espaço, caracterizando os lugares trilhados pelo personagem central e, ainda, a vivacidade em que apresenta-se a coesão seqüencial (progressão da narrativa) pelo uso dos verbos (morreu, foi enterrado, descobriram, viveram felizes para sempre e etc.).

De outro modo, agora direcionando para a fusão autor-personagem, observo que o excerto acima recorre ao escrito de uma paixão literária. O menino sentiu-se tocado, de algum modo, pela história contada pela professora e, principalmente, pelo personagem do livro. Banhado pelo prazer do texto, ocorre, sob um movimento literário e artístico, a transcrição da história com 'farelos' inventivos, criando um novo espaço para os personagens e cenas, as quais eles poderiam ter vivido, mas viveram somente a partir da fantasia despontada pelo menino, ou, ainda, para Barthes (1987, p. 20), seriam essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas".

Posto isso, pode-se pensar que a fruição faz do autor de biografemas um ator de escrita, na medida que ele (por amor) se coloca na obra através da farsa, da ilusão literária que ali se estabelece. Penso que o autor de biografema, ao se contornar-se nas linhas do texto, é capaz de interpretar um personagem, criando para ele (e para os demais personagens) uma nova consciência, em que uma fica de posse sobre a outra; e neste feito, mais uma vez, as teorias de Barthes e Bakhtin dialogam entre si, pois seria o princípio da exotopia inserido na biografemática.

4 TEXTO TECIDO E TRAMADO: o arremate final (ou quase isto)

Texto. Têxtil. Têxteis . Tear. Tecido. Trama. Tramar os fios, linhas e agulhas. Brincadeira singela com o campo semântico. As palavras estão além de suas aparências linguísticas, há sempre algo a ser desvendado por elas, algo que foge da significância, mas que atravessa um universo maior : os campos afetivos e imaginativos que elas carregam, isto é, os valores - e sentidos - que nós atribuímos a elas. Após a leitura de Machado (2001), passei a conhecer (e imaginar) outro significado para a palavra “texto”, pois a autora faz essa analogia, percebe o texto como um conjunto de palavras compostas por *vários fios*, remetendo a palavra têxtil . É interessante a potencialidade que as palavras têm em provocar certos *insights*. Lembrei-me, agora, da minha avó³⁴ e de seu gosto pelas linhas (nesse caso não são as linhas escritas no papel, mas as tramadas por agulhas), passara horas ‘a fio’ entretida no enlace de pontos e nós, por vezes as vistas cansadas faziam-na desmanchar tudo e recomeçar um novo tramar de linhas, as quais davam formas aos guardanapos e toalhas que traziam certa graça ao nosso lar. De igual modo, o escritor de um texto (independente de seu gênero) assume a postura de um tecelão, haja vista a necessidade de todo o cuidado e preparo desde o momento da escolha do tecido ou linhas a serem usadas (títulos, temáticas, fantasias de escritura), bem como os tramados, os enredos, ou pontos (‘nó’ narrativo, peripécias), ou, ainda, o desfazimento do tear quando algo não deu certo (a velha borracha que apaga uma fantasia e outra, percebo a beleza de um texto ‘borrado’, pois é o rastro de um turbilhão de ideias que passara por ali, havendo a necessidade de escolher a fantasia que toca, que provoca mais). Além disso, entendo, por essa via , que as crianças foram tecelãs da imaginação, entremeavam os fios das palavras, muitas delas, livres de fazer sentido, algumas não seguiam o “fio da meada”, outras só precisavam desse enredo brincalhão com o fantástico, o gosto pelo vai-e-vém das letras parecera ser o suficiente para elas.

As crianças tratavam as palavras de modo muito peculiar, havia todo um envolvimento com elas, eu diria que seria uma experimentação, no som (pum, há, há, há, éca ...) nas falas, exprimia-se um ar de brincadeira que fazia pulsar a vida através do imaginário. Segundo Held (1980, p. 198), “a criança por si mesma gosta

³⁴ Firmina dos Santos Franz, *in memoriam*.

de criar palavras, bem como de criar seres a partir das palavras, e aí atingimos plenamente o problema do fantástico”. A autora traz, ainda, a ideia de que as crianças costumam tratar a linguagem como um “material plástico” e foi, justamente, essa sensação que tive ao reler os textos, testavam expressões, tocavam em nomes nunca ditos antes nas redações escolares e me perguntavam se era permitido misturar as histórias e embaralhar os personagens. Assim, todo esse arsenal lingüístico comporia os traços que fariam os elementos de fato existirem no reino da imaginação (salsichas envenenadas que matam ninjas, gastar 5 mil euros em chocolate), passar a crer na história que começara a partir do diálogo com o colega com a expressão “já pensou se...”. Sobre isto Held (1980,p. 203) ressalta que “a palavra dá a vida, faz a coisa existir”, assim, a partir desse ponto, o “já pensou se...” transformara-se em “era uma vez...” e dava-se a partida para biografematizar as vidas.

Paralelamente, Rodari (1982), assinala a imaginação com outras funcionalidades, como por exemplo, a aprendizagem. Esta não está atrelada somente aos conteúdos escolares, embora esse também seja um dos argumentos do autor, na medida que pode-se utilizar dessa ferramenta para melhor compreender situações hipotéticas na matemática, geografia e tantas outras áreas do conhecimento. Mas o que desejo salientar são as aprendizagens relacionadas às interações sociais e culturais, pois para o autor uma escola que torna viva a criação promovida em diferentes eventos curriculares (produção artística, plástica, musical, teatral e etc.), consegue com melhor êxito que as crianças não apenas reproduzam suas vivências sociais e culturais, mas também que façam parte do processo de construção de valores e de culturas. Cabe pensarmos, desse modo, que não é uma questão de afirmação convicta de que tudo vai mudar, nego a política salvacionista, mas compreendo a necessidade de estarmos num eterno movimento de busca por melhorias, sendo esse o papel do educador nos ‘arremates’ de uma postura educacional.

Dessa forma, me considero, igualmente, aventureira neste tecer de linhas. O trabalho apresentado também formou uma rede de fios que passava de lá para cá, promovendo aprendizagens significativas, enlaçando os conceitos de autores distintos, como Barthes e Bakhtin. Houve, ainda, as fantasias infantis entrelaçadas ao conceito de biografema, bem como os estudos sobre narrativas contemporâneas. Assim, todo esse conjunto de conceitos e autores estudados, alinhavaram minhas

curiosidades acerca das fantasias infantis que perpassavam nos biografemas. Através da construção de tabelas e esquemas foi possível compreender que Barthes e Bakhtin trazem importantes conceitos, mas estes conseguiram se operacionalizar nas tramas a partir do entendimento sobre a estrutura e características da narrativas, além da reflexão sobre as marcas culturais que estão presentes entre um fio e outro nos enredos das crianças. Certamente, não consegui o arremate final dessas linhas, nem seria esta a minha pretensão, tendo em vista que, em termos de pesquisa, há sempre um novo enfoque a ser estudado, algo que ainda pode ser costurado e emendado nesse trabalho de acordo com as minhas curiosidades. E estas são incontáveis em termos de imaginário e composição de escrita, então, é possível que novamente me perceba com agulhas e novelos nas mãos...

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance vol. I**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **A Preparação do Romance vol. II**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **O Grão da Voz: entrevistas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- _____. **Memórias Inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2008.
- _____. **Memórias Inventadas: a terceira infância**. São Paulo: Planeta, 2008.
- COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil**. São Paulo: Global, 2003.
- CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao Método Biografemático. In COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tânia Galli (orgs.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. P. 85-107
- COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como Estratégia Biográfica: escrevendo uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **“Foi Num Dia Ensolarado que Tudo Aconteceu”**: práticas culturais em narrativas escolares. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia vol. IV**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FEIL, Gabriel Sausen. Escritura Biografemática em Roland Barthes. **Revista Pesquisa em foco: educação e filosofia**, Maranhão, v. 3, n.3, p. 30-39, set., 2010.
- FEIL, Gabriel Sausen. O simulacro e o Biografema – de A a Z . In CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Fantasias de Escritura filosofia educação literatura**. Porto Alegre: Sulina, 2010. P 79-91.
- HELD, Jacqueline. **O Imaginário no Poder as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin – conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia de Pesquisa: abordagem teórico-prática**. São Paulo: Papirus, 1996.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes: o saber com sabor**. São Paulo: Editora 34, 1983.
- PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto-interpretação**. Lisboa: Ática, 1966.

- RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.
- SYPRIANO, Lílian. **Quem matou Honorato, o rato?** São Paulo: Formato, 2007.
- ZORDAN, Paola. Ensinar. In: CORAZZA, Sandra Mara; GROPPA, Julio (orgs.). **Abecedário da educação da diferença**. São Paulo: Papyrus, 2009.

APÊNDICES

APENDICE A- Ficha de análise dos biografemas mediante apontamentos de Dalla Zen (2006) acerca do conteúdo das narrativas contemporâneas:

BIOGRAFEMAS



No	USO DO IMAGINÁRIO/ FANTASIA	CENAS 'PREVISÍVEIS' À CULTURA ESCOLAR? COMO	'VOZES' DA MÍDIA? QUAIS?	USO DO HUMOR? COMO?	FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES?	FATOS QUE ABORDAM ATIVIDADES RECREATIVAS/LAZER? COMO? COM QUEM?
1	Sim	Sim, espaço escolar, disciplinamento	Sim,música	Sim, pronúncia de risos na fala do narrador, distanciamento do real	Não	Sim, Show com estrelas do Pop internacional.
2	Sim	Não	Sim, música	Sim, distanciamento do real, reações biológicas "pum"	Não	Sim, passeio no Shopping sozinha.
3	Sim	Não	Não	Sim, riso ou deboche dos personagens da trama.	Não	Sim, brincadeira em casa, com a família.
4	Sim	Não	Sim, música	Sim, situação inusitada.	Não	Sim, passeio no shopping, sozinha.
5	Não	Sim, vida escolar, séries/ turmas que estudou, conteúdos escolares.	Não	Não	Não	Não
6	Sim	Não	Sim, desenhos animados	Sim, Distanciamento do real.	Não	Sim, passeio na praia.
7	Sim	Não	Sim, desenhos	Sim, distanciamento do	Não	Não

			animados	real, poderes mágicos, reações biológicas "puns"		
8	Sim	Não	Não	Sim, deboche, risos dos personagens da história.	Não	Sim, passeio no shopping, sozinha.
9	Sim	Não	Sim, desenhos/filmes/ vivência literária/ HQ	Não, uso da aventura.	Não	Não
10	Sim	Não	Não	Não, uso da aventura.	Não	Sim, passeio no sítio do avô.
11	Sim	Não	Sim, música-desenhos animados	Sim, distanciamento do real, situações totalmente inusitadas.	Não	Não
12	Sim	Sim, passeio com a escola.	Não	Sim, expressões de riso por parte dos personagens 'há, há, há'	Não	Sim, passeio com os colegas e professores da escola.
13	Sim	Não	Sim, T.V.	Sim, distanciamento com o real.	Não	Sim, viagem com os pais.
14	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim, passeio no sítio dos avós.
15	Sim	Não	Sim, filmes aventurecos.	Não, uso da aventura.	Não	Sim, passeio em alto mar, sozinho.
16	Sim	Sim, espaço escolar.	Sim, música	Sim, distanciamento do real.	Não	Sim, estádio de futebol, sozinho.
17	Sim	Não	Sim, desenhos animados, filmes.	Sim, distanciamento com o real, brincadeira com o inusitado e uso da aventura.	Não	Não
18	Sim	Não	Sim, música-T.V.	Sim, Distanciamento do real, animais que causam estranhamento: sapo.	Não	Sim, programa de auditório, sozinha.
19	Sim	Não	Não	Sim, reações biológicas "puns".	Não	Sim, passeio na praia com a família.

20	Sim	Não	Sim, música.	Distanciamento do real.	Não	Não.
21	Sim	Não	Não	Não, uso do suspense.	Não	Não.
22	Sim	Não	Sim, desenhos animados.	Não, uso da aventura.	Não	Não
23	Sim,	Não	Sim, música	Não.	Não	Não
24	Sim	Não	Não.	Sim, distanciamento do real, acontecimentos fantásticos.	Não	Sim, discoteca, sozinho
25	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
26	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim, passeio na loja de brinquedos com a mãe.
27	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
28	Sim	Sim, espaço escolar.	Sim, (H.Q.), desenhos animados	Não	Não	Sim, viagem com amigos.
29	Sim	Sim, relação professor aluno.	Sim, filmes-desenhos animados.	Não	Não	Não
30	Sim	Não	Sim, cinema, publicidade.	Não	Não	Sim, pizzaria, com namorada.
31	Sim	Não	Sim, futebol, T.V,	Não	Não	Não
32	Sim	Não	Sim, música	Não	Não	Não
33	Sim	Não	Sim, cinema	Não, uso da aventura.	Não	Não
34	Sim	Não	Sim, música	Sim, distanciamento do real, inusitado.	Não	Não
35	Sim	Não	Sim, cinema	Não, uso da aventura.	Não	Não
36	Sim	Não	Sim, programa de T.V	Não	Não	Não
37	Sim	Não	Não.	Não, uso da aventura.	Não	Não
38	Sim	Não	Sim, desenho animado	Não	Não	Não
39	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim, brincadeira na rua com

						amigos.
40	Sim	Não	Sim, desenho animado,	Não	Não	Não

APENDICE B- Ficha de análise dos biografemas mediante apontamentos de Dalla Zen (2006) acerca da estrutura/ características das narrativas contemporâneas:

BIOGRAFEMAS



No	CRIAÇÃO DE NARRADORES/ PERSONAGENS	NARRATIVA-RELATO	NARRATIVA-CONTO	LINEARIDADE/ ORDENAMENTO DOS FATOS	CIRCUNSTANCIALIDADES TEMPORAIS? COMO?	NÓ NARRATIVO	PERIPÉCIA	DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO?
1	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, hora/data/tempos verbais	Sim	Sim	Sim, mais de um.
2	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Sim
3	Sim	Sim	Não	Não	Sim, data, tempos verbais	Sim	Sim	Sim
4	Sim	Sim	Não	Não	Sim, fórmula narrativa, tempos verbais	Não	Sim, mais de uma	Sim, mais de um
5	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, data/ ano/ idade/ verbos	Sim	Não	Não
6	Sim	Sim	Não	Não	Sim, data/ ano/ idade/ verbos	Não	Sim, mais de uma	Sim, mais de um
7	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, data, ano, verbos	Sim	Sim	Sim
8	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Sim
9	Sim	Sim	Não	Não	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Sim, mais de um
10	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais e fórmula narrativa	Sim	Sim	Sim
11	Sim	Sim	Não	Não	Sim, data, idade, tempo verbal	Não	Sim, mais de uma	Sim, mais de um
12	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Sim, mais de um
13	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Não	Sim, mais	Sim, mais de

							de uma	um
14	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, fórmulas narrativas, tempos verbais, advérbios	Sim	Sim	Sim
15	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais, advérbios	Sim	Sim	Sim, mais de um
16	Sim	Sim	Não	Não	Sim, tempos verbais, advérbios	Não	Sim, mais de uma	Sim, mais de um
17	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, fórmula narrativa, advérbios, tempos verbais	Sim	Sim, mais de uma	Sim, mais de um
18	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, fórmula narrativa, advérbios, tempos verbais	Não	Sim, mais de uma	Sim
19	Sim	Sim	Não	Não	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Sim, mais de um
20	Sim	Sim	Não	Não	Sim, hora e tempos verbais	Sim	Sim	Sim, mais de um
21	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, advérbios e tempos verbais, data, ano	Sim	Não	Sim, mais de um
22	Sim	Sim	Não	Não	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Sim
23	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Sim, mais de um
24	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais, locução adverbial	Sim	Sim	Sim, mais de um
25	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais, locução adverbial, advérbio	Sim	Sim	Sim, mais de um
26	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais, advérbio	Sim	Não	Sim
27	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais, advérbio	Sim	Sim	Sim
28	Sim	Sim	Não	Não	Sim, fórmula narrativa, tempos verbais	Sim	Não	Sim
29	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Sim
30	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Não

31	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Sim, mais de um
32	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Não	Não
33	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, tempos verbais, advérbio	Sim	Sim	Não
34	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais, advérbio	Sim	Sim	Sim
35	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, fórmulas narrativas, tempos verbais	Sim	Sim	Sim
36	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais, data, ano, idade	Sim	Não	Não
37	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, tempos verbais	Sim	Sim	Não
38	Sim	Sim	Não	Sim	Sim, advérbios,	Sim	Sim	Sim
39	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, fórmulas narrativas, tempos verbais	Sim	Não	Não
40	Sim	Não	Sim	Sim	Sim, fórmulas narrativas, tempos verbais, advérbio	Sim	Sim	Sim

APENDICE C- Ficha de análise das narrativas (biografemas) mediante apontamentos de Colomer (2003) acerca da literatura infantil contemporânea:

BIOGRAFEMAS



No	LITERATURA FANTÁSTICA	ANIMAIS HUMANIZADOS	HUMOR	FÓRMULAS FOLCLÓRICAS	PERSONAGENS/ SITUAÇÕES EXTRAORDINÁRIAS	OBJETOS ANIMADOS	SUPER-PODERES	FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES
1	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
2	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
3	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
4	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
5	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
6	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
7	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
8	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
9	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
10	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não
11	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
12	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
13	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
14	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
15	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
16	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
17	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não
18	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
19	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
20	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não

21	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
22	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
23	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
24	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
25	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
26	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
27	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
28	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
29	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não
30	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
31	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
32	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
33	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
34	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
35	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não
36	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
37	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não
38	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não
39	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
40	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não

APENDICE D- Quadro comparativo e conceitual construído, coletivamente, com a turma B.

(Diário de campo, 10/11/2010)

<p>BIOGRAFIA</p> <p>⇩ ⇩</p> <p>vida escrita</p> <p>Escrita de vida.</p>	<p>BIOGRAFEMA</p> <p>⇩</p> <p>Vida</p> <p>Escrita de vida com “poeira” de imaginação.</p>
<p>*Linear (um acontecimento depois do outro).</p>	<p>*Fragmentada (pedacinhos de histórias/ memórias que se misturam).</p>
<p>*Fatos verídicos (tudo acontece de verdade)</p>	<p>*Fatos verídicos + fantasia (algo que podemos inventar sobre a vida da pessoa)</p>
<p>*Segue tempo cronológico (os Acontecimentos são organizados e ordenados).</p>	<p>*Tempo <u>não</u> cronológico (os acontecimentos ficam desorganizados).</p>

ANEXOS

ANEXO A- Biografema 1

Agora é a sua vez! Escreva um autobiografema sobre a sua infância. Pode ser uma cena de algo que aconteceu na sua vida "regado" com muita imaginação, fantasia e crie à vontade!!! E não esqueça que no biografema a sua história deve ser fantasiada, diferente da biografia.

Eu habito no Paraguai junto com mi-
nhas irmãs. Há uma festa de aniversário de 10
anos. Um dia a gente compra um
livro que não podemos ler porque
é muito difícil. É um livro de matemática
que a professora trouxe para nós.
Muito difícil. Tudo isso em 2009.



ANEXO B- Biografema 2

Agora é a sua vez! Escreva um autobiografema sobre a sua infância. Pode ser uma cena de algo que aconteceu na sua vida "regado" com muita imaginação, fantasia e crie à vontade!!! E não esqueça que no biografema a sua história deve ser fantasiada, diferente da biografia.

Autobiografema

Em 1220, quando eu nasci, eu já nasci camitibande.

Quando eu tinha 6 anos, eu viajei para a Europa, e eu levei 5 mil dólares. E eu gastei só com chocolate.

No meu aniversário de 9 anos, eu me mudei para a África. Só para assistir a Copa do Mundo ao vivo.



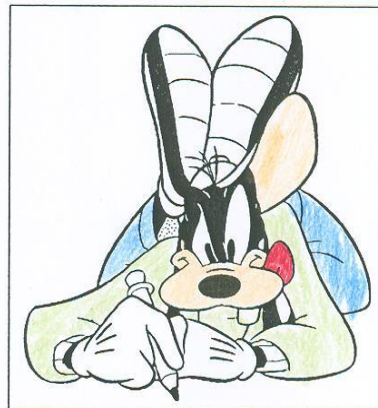
ANEXO C- Biografema 3

Agora é a sua vez! Escreva um autobiografema sobre a sua infância. Pode ser uma cena de algo que aconteceu na sua vida "regado" com muita imaginação, fantasia e crie à vontade!!! E não esqueça que no biografema a sua história deve ser fantasiada, diferente da biografia.

Minha vida maluca

Era uma vez que eu fui para o shopping e vi um homem dançando o reelation.

Outro dia eu vi uma loja que tinha o nome reelation, mas todo mundo está dançando reelation com as abelhas, elefante, tigras e etc em 2008.



ANEXO D- Biografema 4

Agora é a sua vez! Escreva um autobiografema sobre a sua infância. Pode ser uma cena de algo que aconteceu na sua vida "regado" com muita imaginação, fantasia e crie à vontade!!! E não esqueça que no biografema a sua história deve ser fantasiada, diferente da biografia.

Um dia eu fui na fazenda do meu
vô. Lá eu tinha um cavalo alado. Ele
me contou que os cavalos tinham sumido
ele e eu voamos até o castelo
de cristal. Os dragões tinham capturado
os cavalos.
Eu desfiliei o chefe dos dragões e
ganhei. Libertei os cavalos e fiz



ANEXO E- Biografema 5

Agora é a sua vez! Escreva um autobiografema sobre a sua infância. Pode ser uma cena de algo que aconteceu na sua vida "regado" com muita imaginação, fantasia e crie à vontade!!! E não esqueça que no biografema a sua história deve ser fantasiada, diferente da biografia.

Um dia no fazenda da
Quinta da Estancia grande em
2010 agente foi tirar leite da
vaca e depois agente tomou um
baquinho e uma colega minha
não gostou e ela cuspiu no
chá e o filhote tomou leite do
chá e o tio que cuida foi tirar
o filhote e resbalou no leite
e todo mundo ha ha ha

